

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4315

Notícias de Guimarães

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4381
VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

FUNDADO EM 1932

Problemas de Higiene

O LEITE

Pelo Prof. J. Martins Lima.

É o leite um alimento por excelência, natural e completo para a criança. Não podendo a mãe amamentar o recém-nascido, tem de recorrer ao aleitamento mercenário, à ama, ao leite de vaca ou artificial. De grande valor nutritivo e vitamínico, de elevada digestibilidade, com uma notável acção terapêutica e de alto valor energético o leite é, como o classificou Ertel, «um verdadeiro alimento protector».

Até aos começos do século XVIII o consumo do leite em Portugal era geralmente de cabra. Mas já em 1891 se pensou em Lisboa no abastecimento de *leite puro*, com a fundação de uma empresa para tal fim.

O distinto agrónomo Rodrigues Chicó afirmou que a *tísica humana grassava assombrosamente e na capital havia cerca de quatro mil vacas turinas, fornecendo leite tuberculoso!*

Os 1.ºs trabalhos de bacteriometria láctea foram realizados, entre nós, pelo Dr. Cardoso Pereira, no Instituto Central de Higiene, em Lisboa. Em 1908 e 1909 continuaram-se os estudos no Instituto Bacteriológico Câmara Pestana, pelos médicos veterinários Drs. Ildefonso Borges e A'gueda Ferreira.

O leite é um autêntico meio de cultura, transmitindo doenças gravíssimas, em especial a tuberculose, quando extraído de vaca tuberculosa.

A bacilose, de localização intestinal e em muitos casos pulmonar, é proveniente, sobretudo nas crianças, de leite de vacas tuberculosas.

Segundo o distinto higienista Dr. Figueiroa Rego, «apurou-se que 50% dos casos de tuberculose, nos adultos, são de tipo bovino; nas crianças sobe para 70%. Das alimentadas a biberão com leite cru reagem 37,5% à tuberculina. Nas crianças até cinco anos, a infecção de origem bovina acusa 58% de localizações ganglionares, 59% abdominais, 23% generalizadas, 13,6% meningicas e 4,1% pulmonares».

Dado que o leite que é consumido pela quase totalidade da população portuguesa é produzido por animais de saúde duvidosa, higiene precária, defeituoso regime alimentar, mal alojados e mungidos, regra geral, em péssimas condições higiénicas, transportado em vasilhas que não são assépticamente limpas, deve averiguar-se, sempre que possível, da proveniência do leite que se dá à criança.

É altamente insalubre o leite que o País consome, o que compromete o seu uso alimentar! (a afirmação não é nossa, mas de um ilustre higienista português).

Ascensão

Por AURORA JARDIM

Sonhei com estrelas,
bebi luar,
Amei crianças,
li os poetas,
andei no mar.
Sofri saudades,
chorei de amor.
Olhei o sol,
cortei a flor.

Semper!

Vou caminhando
para a porta estreita.

Para outro céu
da outra vida.
Para o final
dos dias
que não foram perdidos,
eu quero ir
de braços erguidos.

(Do livro *No Mar do Mundo*).

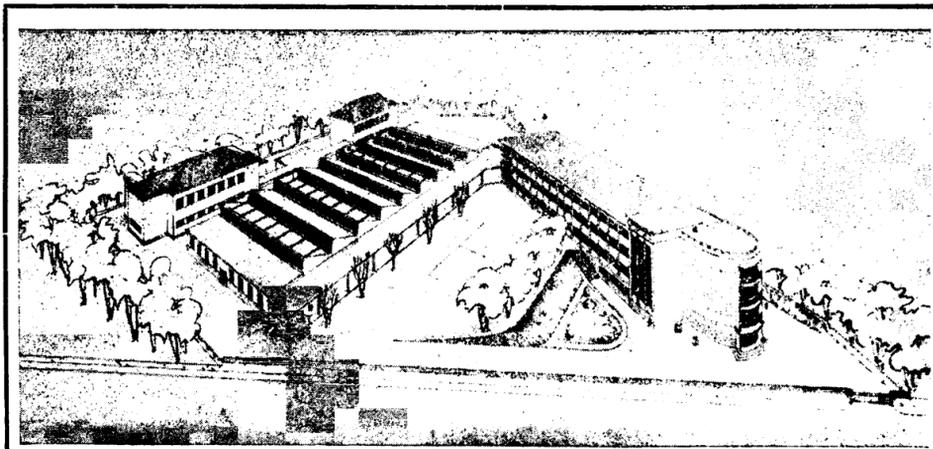
NO "NOTÍCIAS"

Esteve na nossa redacção, em visita de cumprimentos, que registamos com muito reconhecimento, o ilustre Vereador do Pelouro de Cultura e distinto Professor Liceal, sr. dr. J. Catanas Dlogo.

É necessário a instalação de centrais leiteiras pelos municípios, se possível, ou por empresas particulares, sob rigorosa vigilância e fiscalização de um corpo médico e veterinário, a intensificação de brigadas móveis, elucidando as populações rurais sobre a necessidade de um bom saneamento dos estábulos, seu arejamento e defesa contra as moscas, a pastagem, a higiene da mungidura, a rigorosa limpeza das vasilhas, etc., etc.

Assim o exige a saúde pública!

N. R. — No último artigo publicado, deste ilustre Colaborador, onde se lia «...o emprego de antissépticos adequados (litol, ercolina, etc.)», deveria ler-se «...litol, creolina, etc.». Fica feita, com as nossas desculpas, a devida rectificação.



Como é já do conhecimento público e de harmonia com o anúncio que publicamos hoje, noutro lugar, vai ser construído nesta cidade, sendo a arrematação da obra feita já no dia 8 de Maio, um amplo edifício com dois grandes corpos, um para aulas e outro para oficinas, destinado à Nova Escola Técnica, sendo feita a implantação no lugar do Proposto, precisamente nos terrenos da actual Escola Industrial e Comercial.

O edifício ficará, na parte que se destina às aulas, com 4 pavimentos e com lotação para 1.000 alunos, com dois ginásios para ambos os sexos, piscina, recreios, etc.

Ficará sendo o maior edifício, quer em superfície coberta, quer em lotação, quer mesmo em oficinas, das Escolas Técnicas do País. A grandiosa obra cuja construção deverá levar dois anos e meio e que deve começar dentro de muito breve, está orçada em 8.579.370\$00.

A gravura acima dará ao leitor uma ideia da grandiosidade da obra em referência. A comunicação oficial deste importante melhoramento foi feita à imprensa na 5.ª-feira à tarde pelo sr. Presidente da Câmara.

CARTAS a um Abade

II

Li e apreciei a Vossa dissertação sobre o Progresso Técnico e o Progresso Social.

Aceto tudo quanto afirmou, não, porém, sem algumas reservas. Essas reservas embaraçam-me sobremaneira, porque não concebo bem a possibilidade de desenvolvimento da indústria sem um possível avanço da técnica sobre o social, pelo menos provisório.

Se a indústria e o seu desenvolvimento técnico têm de ser acompanhados por um progresso social paralelo, temos de convir em que uma grande percentagem dos lucros teria que ficar pelo caminho, distribuída em benesses e privilégios pela classe trabalhadora, já assés defendida pelas leis sociais vigentes, e seriam arrebatados à indústria os meios naturais de expansão e incremento.

Noutros termos, parece-nos que o progresso social deve ser um tanto sacrificado ao progresso técnico. Pois, por outro lado, se é à sombra da indústria que vivem tantos indivíduos da classe operária e suas famílias, deve procurar-se o maior desenvolvimento da grande indústria, sacrificando-se embora a pequena, visto esta ser incapaz de proporcionar, mesmo aos seus mais próximos colaboradores, aquele conjunto de regalias que a moderna sociologia julga dever atribuir ao operário.

A maior das regalias é a certeza e a garantia do trabalho e uma distribuição mais justa e permanente, impossíveis na pequena indústria. Todos reconhecem que as empresas pobres vegetam, vítimas tanto duma técnica caseira e antiquada, como da falta de base que as agente — o capital.

Ao menor sopro do revez ou da crise, fenecem inglôriamente.

Quanto maiores não são as possibilidades de estabilidade e de êxito na grande indústria... já pela qualidade e preço da mercadoria, já até pela concorrência que estabelece com a pequena indústria, sua débil rival.

Um dos segredos do seu triunfo, tanto no mercado nacional, como no internacional, é o «dumping» apenas possível nas empresas de grandes recursos financeiros e técnicos.

Queremos daqui concluir que se avizinha a hora em que tudo cederá perante o grande avanço da técnica em íntima colaboração com o capital, e tudo quanto é pequeno ruirá, impotente, soando, então, o momento do mais perfeito equilíbrio entre o progresso técnico e o progresso social. E ninguém constatará a necessidade imperiosa de criar novas e grandes empresas industriais, já para chamar ao seu lugar, no progresso da Humanidade, o dinheiro criminosamente afechado nos cofres, já, ainda, para dar pão e trabalho a tantos milhares de braços carecidos de actividade.

Ora tudo isto implica um crescente emprego de máquinas, geralmente consideradas fadoras do progresso em estalão igual ao capital investido.

É a sombra de ambos — capital e máquinas — que homem e mulher, esta até em notável percentagem, vêm desenvolver a sua actividade, criando a riqueza colectiva.

Quanto à mulher, ela revelou-se excelente para o trabalho mecânico e é ainda um dos braços mais

PORQUÊ?

Porque não crês? Assim desiludido,
Que horror existe em ti por que não creias
Nas máximas, de sã doutrina cheias,
Que te ensinou o lar paterno querido?

Um vírus de descrença, indefinido,
Quem, ao mentir, te inoculou nas veias?...
Mau grado teu, em turbilhão de ideias
Viverás em confusão... incompreendido!...

Há uma senda que só Deus te indica
E a alma eleva, exalta e magnifica:
— Da crença de teus pais faz rumo e lei...

Meu pobre amigo que eu lamento e estimo,
Tu deves renunciar ao erro... e do imo
Do coração, então, te abraçarei!

18 - 4 - 956.

MENDES SIMÕES.

PROBLEMAS SOCIAIS

Pelo P.º Manuel Matos.

O Bezerra e o Volante

Se um dia isso acontecesse... Sim, se um dia o progresso técnico chegasse a isto... que seria... Seria, que, sentado no seu escritório, fumando, tranquilo, um havano, e manobrando mansamente um dispositivo tele-visor, teleguiava os seus carros de transportes colectivos... via cair o dinheiro em troca dum bilhete, nuns cofre-zinhos de metal reluzente... parava e andava... até chegar ao destino e até ao regresso... No fim, fazia as somas... e via os lucros... Embora já haja aviões teleguiados, bombas teleguiadas, etc., ainda não foi possível substituir o motorista nos autocarros...

...O Bezerra, desde aquele dia em que o víramos à esquina da rua, feito mendigo, quase se eclipsou aos nossos olhos... Já iam passadas algumas semanas sem o vermos.

E, então, que seria feito do Bezerra? Foi o que indagamos com curiosidade e interesse. Onde o fomos encontrar... A dormir um pouco, dentro dum autocarro luxuoso...

O pobre homem vestia uma farpela... um uniforme e tinha a tiracolo uma bolsa e na cabeça um boné...

Era cobrador. Despertei-o e de tal jeito que deu um salto.

— Bravo, homem... não calcula o alívio que senti ao vê-lo assim... Já vejo que tem um naco de pão para matar a fome...

Abraçei-o efusivamente, enquanto ele esfregava os olhos e dei-lhe os parabéns por ter achado um lugar ao sol da vida.

E interroguei-o.

— Então, amigo Bezerra... que é feito de si... diga-me coisas...

— Olhe, senhor... arranjei este lugarzinho... sou cobrador...

— Mil vezes, bravo, homem! Se é certo que, quem nasce para cinco não chega a dez... ao menos não nasceu para morrer de fome...

— Graças a Deus, senhor... eu dou muitas graças a Deus. (Como é admirável, pensei cá para mim, a fé e a conformidade dos pobres...). E o Bezerra suspirou...

— Porque suspira, amigo Bezerra?

Continua na 2.ª página

GAZETILHA

A resposta da leiteira

Donairoza, interessante,
No frescor da mocidade,
Cedo atropessa a cidade
A moça madrugadeira.
Vem duma aldeia distante
Abastecer o mercado,
Na constância e no cuidado
De escrupulosa leiteira.

Ao vê-la nunca resisto
À graça dum galanteio.
— Que a moça no devaneio
Da graça fica engraçada...
Pois há dias perguntei-lhe,
A armar um pouco à finura,
Se ao mungir não faz mistura,
Se é tudo leite e mais nada...

E essa moça donairoza,
A cheirar ao rosmarinho,
Sorriu — um riso escarninho —
Como só ri a mulher.
E deu resposta sagaz:
— ...E se o fizesse no leite,
O merceiro no azeite,
Bota a mistura que quer...

C. T.

Interesses de Guimarães

Na 5.ª-feira à tarde partiu para Lisboa, acompanhado pelo Vice-Presidente Sr. Eng.º António Rodrigo de Araújo Pinheiro, o Sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, Presidente da Câmara Municipal, que foi à capital tratar de assuntos de muito interesse para o nosso Concelho, devendo regressar hoje a esta cidade.

Reflexões

Já reparou o leitor amigo naquele plano de urbanização do centro da cidade, ali exposto no Turismo?

Se não reparou vá lá e admire a concepção arrojada do artista Pires Fernandes.

Apesar de aldeão todos os dias que ali passo extasio-me a admirar as riquíssimas linhas da nova Urbe, que sem chocar com o antigo, sem mexer com o que a cidade tem de medieval, veem dar-lhe novo aspecto, mais atraente, mais desafogado, desembaraçando completamente o trânsito, hoje bastante precário, tanto para pedões como para veículos.

O Toural ampliado até à Avenida D. Afonso Henriques e a riquíssima Alameda que liga o referido Toural ao Campo da Feira são duma beleza admirável. Estou a ver os novos prédios de linhas arquitectónicas a condizer com a importância destas artérias; estou a ver o Jardim do L. 28 de Maio, formosíssimo que é ampliado até ao Campo da Feira; e estou a ver também o Largo do Campo da Feira modificado, ampliado, com uma riquíssima vista para os Paços dos Duques, Castelo e Penha.

Por isso me extasio e não me canso de olhar aquele projecto e cada dia o encontro mais interessante!

Mas as minhas reflexões vão ao ponto de pensar que para isso um dia ser realizável é necessário antes destruir imensos prédios, alagar quarteirões inteiros, desalojar bastantes famílias, criar uma série de dificuldades para uma cidade de tão densa população neste centro, que é necessário de facto um espírito arrojado e forte, uma capacidade dinâmica como a do nosso Presidente da Câmara para se poder sobrepor aos mil e um embaraços que lhe hão-de surgir.

E há ainda mais: a Avenida Salazar que há-de cortar da Alameda do 28 de Maio até ao actual Mata-douro Municipal, ligando assim o centro da cidade às saídas para Famalicao e Santo Tirso.

De facto o plano é arrojadíssimo e merece as nossas reflexões.

Foi concebido em maré alta por técnico de real valia, meditado por diversos outros técnicos e homens de arte que não se furtaram a um exame local a que não foi alheio o actual Ministro das Obras Públicas e as autoridades locais. Todos reflectiram bem certamente, os Técnicos sobre o Plano de Alargamento e Aformoseamento do Centro da Cidade e as Autoridades e Homens de representação local sobre os interesses que mais convêm a Guimarães no presente e num futuro largo.

Sim, na verdade é duro mas vale a pena o sacrifício de todos os vimaranenses no presente para ficarem com uma obra de larga projecção no futuro, sem ser preciso nestas décadas mais próximas voltar a pensar no assunto, no acanhamento e engarrafamento do centro da nossa querida cidade, que tem propensões a aumentar e a expandir-se.

Para o progresso da nossa Terra é assim mesmo, devemos ir ao fundo da questão, aos alicerces da obra e já agora dar-lhe espaço e beleza, colocar o Centro da nossa Urbe à altura do seu merecimento. Os bons vimaranenses, embora com sacrifício, acolherão a obra de mãos dadas porque ela é de interesse e de engrandecimento, é nossa e é grandiosa.

Bem haja quem trabalhe por Guimarães, bérço da Nacionalidade Portuguesa!

Guimarães, cremo-lo bem, vai ser agora finalmente contemplada com aquilo a que tinha jus, pelo que há-de ficar eternamente grata ao Governo de Salazar, à Câmara da Presidência de Sua Excelência o Snr. Dr. Castro Ferreira e aos Homens Bons de Guimarães que num levantamento patriótico e bairrismo local têm lutado pelo engrandecimento da cidade número um de Portugal.

ZÉ DA ALDEIA.



Doutor Oliveira Salazar

O ilustre Estadista, Professor doutor António de Oliveira Salazar, festeja no dia 28 o seu aniversário natalício, que coincide com o 27.º aniversário da sua subida ao poder.

A Sua Excelência apresentamos os mais respeitosos cumprimentos.

firmes da economia familiar. Conclusão: — é de desejar o contínuo fomento dos grandes industriais e um maior investimento de capitais para haver trabalho para todos.

Pois, se é certo que muito do que é «prosperidade» é fruto da sua colaboração, também é verdade que essa «prosperidade» é a melhor base da garantia e continuidade do trabalho.

Aceite os meus cumprimentos.

TEODORO.

Na agonia e morte do Burguês

15)

Por EDUARDO D'ALMEIDA

Mas no que, por convenção artificiosa ou grosseiro pejorativo, assim contrapomos como antigo e novo mundo, este de mais restrita contemporaneidade — e esta mesma na diversa medida de tempo ao consoante das gerações que a definem e abrangem ou dos acontecimentos que a regulam —, certas figuras humanas persistem como estereotipadas, embora, e nem sempre, com outra indumentária. O consagrado novelista inglês, bem conhecido de todos, *Somerset Maugham*, coloca na boca de um burguês espanhafatosos estes dizeres de conselho aos filhos: «se tiverem uma libra e gastarem dezanove shillings e seis pence, serão ricos; mas, se gastarem vinte shillings e seis pence, ficarão na miséria», talqualmente como falaria um personagem de *Dickens*, *Balzac*, *Camilo* ou *Flaubert*. São características do temperamento humano, cuja força de inércia, coagulada no sangue, mas vivaz no subconsciente, é a causa forte da sua matusalémica e perdurável co-existência. Na vida. E no romance, que é também vida criada e real. A's vezes até mais do que a outra, por suposição da aparência, mais autêntica.

Daí a imortabilidade dos homens-típos, que não bem protótipos, do romance, antes e depois da morte dapueles considerados heróis ou figuras modeladas no Teatro Grego, ou no de *Racine*, de *Molière* ou do nosso *Gil Vicente*, e nos poemas da grande Opera, coroados entre magnificências orquestrais. Retalhos de frase, esboço a lápis do nariz aguçado, da grossura sensual do lábio, do torcer dos lábios no encrespar do sorriso, migalhas esboroadas de frases miúdas, sombras esquivando-se no dédalo das ruelas, à luz baça das lâmpadas, a dúvida hamelética, o cúme otoloiide, as manchas maquebéticas, os ardores cavalheirescos do Fidalgo da Triste Figura, as máximas populares, adagiárias, da sanchesa rusticidade do Pança (um dos mais graves problemas da economia humana), que passam e repassam, na verdadeira realidade do osso e carne, da alma e do espírito.

João de Meira, a cuja memória ilustre ainda não soubermos render o devidíssimo preito, encontra, de visita a S. Torcato, os «Macários» de *Camilo*, entre outros macários do nosso termo, e tão camilianamente revivem em camiliana prosa que, ao vê-la, apenas se perguntaria, por se não lembrar, de quando a escrevera. Nas lojas dos armazenistas e lojistas portuenses nós topamos, ainda hoje, ali mesmo à nossa beira, eles próprios e em real presença, com diversos daqueles a quem fomos por *Camilo* apresentados e em cuja intimidade assim entrámos, como, no leve tomar de uma chícara num café da Lisboa, tão modificada pelos terramotos sísmicos e morais e urbanísticos, vemos desfiar o melhor do álbum de retratos e caricaturas de *Eça de Queiroz*. Aos célebres e afamados «Comícios» do *Flaubert*, assistem, com o mundo curioso da *Madame Bovary*, muitos dos que, na História da Literatura Francesa, já em uso em nossos Liceus, *Gustave Lanson* inclue na produção artística um capítulo (o II) destinado à «Literatura Burguesa».

Entre a impróvisas, repentina, energética do burguesismo camiliano, em que se infiltrava virulenta a volubilidade passional do romancista, em arroubos de êxtase fascinado e alucinatório, como em rajadas sibilinas de acruçada raiva, encrespada de ódio, ou sucumba em feio e marasmático espectadorismo, e o dinamismo observador e atento e corrigido do *Eça*, no complexo do temperamento aristocrático de artista de requintada elegância e do sonho íntimo, ideal de sua mocidade e guia de sua consagração às letras, de ser agente de uma salutar revolução mental, cavara-se, além da sigla das respectivas feições, aquela, não menos impressiva, das «voltas que o mundo dá». E que, por vezes, por muito adentradas, não vêm ou não se notam à superfície.

(Continua.)

Carta a uma Senhora

Minha Senhora:

Encontramo-nos em plena quadra de Primavera, mas esta só uma vez por outra nos tem mimoseado com os ares da sua graça, porque, de resto, têm sido frequentes os seus amuos e bastante agreste o seu ambiente.

No entanto, nem mesmo assim nos deveremos considerar escravizados perante aquelas alternativas, tanto mais que a Natureza, portadora dos prodígios da sua Obra, não deixa de cumprir a sua missão, fazendo reviver os encantos de lindas paisagens de flores e de verdura, transformando a monotonia e a tristeza da quadra do Inverno em movimentados e alegres cenários que acarinham e acalentam a vida daqueles que nela não encontram desilusões e que, portanto, melhor sabem sentir e compreender a vida normal das plantas, sobretudo a daquelas que aguardam a Primavera para se cobrirem com a folhagem que há-de proteger os ninhos dos passarinhos e para produzirem as flores que, em muitas delas, se transformarão em deliciosos frutos.

Como vê, minha Senhora, não poderá ser mais belo nem mais surpreendente o riviver da Natureza, porque nos apresenta o mais maravilhoso e mais significativo espectáculo que os nossos olhos podem contemplar e que a Alma e a sensibilidade dos Artistas podem reproduzir em telas coloridas.

Porém, enquanto a Natureza prossegue na sua Obra de ritmo contínuo e sempre igual, a humanidade continua a viver entre polos absolutamente diferentes, quer quanto ao problema da paz, quer quanto à pobreza e à riqueza, aquela e esta em manifesta desigualdade na luta pela vida, tantos e tão variados são os exemplos, nesse sentido, espalhados por todo o mundo, em que uns gastam milhares de contos em *novados*, como recentemente sucedeu no «Principado de Mónaco», e outros apenas conseguem matar a fome e cobrir o corpo com a Caridade dos corações generosos e com a sentimentalidade da própria Alma.

Mas é assim: Lá como cá! Ainda, há dias, me dizia pessoa amiga: Se todos os ricos e os riquíssimos que existem em Portugal repartissem pelos pobres e pelos pobríssimos um pouquinho do que lhes sobra, a riqueza passaria a ser abençoada por Deus, por que Ele veria nisso o bom êxito da Sua doutrina e, nesse caso, não se apresentaria revestido de tanta gravidade o problema social.

Como, infelizmente, nem todos assim o compreendem, o desequilíbrio entre a miséria e a abundância manter-se-á e os seus efeitos continuarão a ser os já conhecidos.

E aqui tem, minha Senhora, como a respeito da vida das plantas se podem fazer considerações acerca da vida humana, aquela sempre generosa e esta, por vezes, indiferente à generosidade.

Não sei o julzo que V. Ex.^a ficará a fazer desta ligeira comparação que lhe acabo de apresentar, mas, de qualquer forma, não lhe digo mais do que aquilo que se encontra radicado no meu espírito. Além disso, pertenço ao número das pessoas que manifestam o que sentem, razão por que, pelo menos, se aproveitará a minha boa intenção.

Todavia, «cada qual com o seu igual» e, por isso, eu só escrevo — e não me negarei a fazê-lo, em qualquer circunstância — para me dirigir às pessoas de boa fé. E' a estas a quem sempre desejarei responder enquanto não soar a hora do «Deo profundis» das minhas cartas.

E nada mais, minha Senhora.

De V. Ex.^a cd.^o ven.^o e obg.^o

X.

Use Gazcidla

Romaria da Madre-de-Deus

Realizou-se, no domingo, a tradicional romaria de Nossa Senhora da Madre-de-Deus, nos subúrbios desta cidade, que foi abrilhantada pela apreciada Banda dos Guisês.

Não obstante o mau tempo, o arraial que se realizou durante a tarde, esteve bastante concorrido.

Use Gazcidla

LABORATÓRIO DE ANÁLISES

Largo da República do Brasil 39-2.º

Residência: — Dr. Fernando Xavier

Largo dos Laranjais, 1 — 1.º

Telef. 40404

Telef. 40276

DOS LIVROS

«VIMARANES D'ANTANHO»

(Odes evocativas de velhos tradições) — de Mendes Simões.

Atribui-se, justamente, a *Mendes Simões*, uma noção consciencializada da arte poética. Se o conceito logo nos sugere o simples domínio do abstracto, sem que defina, suficientemente, a atitude do poeta na interpretação concreta do fenómeno que des-



perta a sua capacidade intelectual, o julgamento traduz, porém, um poder criador, de consciencialização, o que é quase fundamental em poesia.

Já nos foi possível apreciar *Mendes Simões* numa das suas obras, «*Aleluias d'Alma*», o que definiu como poeta de arte consciencializada, segundo o testemunho da crítica. E pudemos afirmar que o poeta se compreende, no complexo emotivo, na sua fé e no seu sentimentalismo e que vai até à compreensão de uma universalidade de coisas que ultrapassam o âmbito da sua introspecção. Mais ainda: que pondo em plano secundário factores externos, demonstra forte poder subjectivo — uma força de intimismo.

Parce-nos que esta opinião de um provinciano que analisa para estudar, sobre o intimismo poético de *Mendes Simões*, exprime uma ideia mais ampla não apenas de consciência, mas, também, de assimilação estética, de emoção, de vivência da problemática inerente em poesia.

A insistência de *Mendes Simões* em determinados temas, exuberantes de imagens que se vêem e sentem (imagens que nunca se esquivam à sublimação), está longe de causar uma monotonia em arte poética. E' isso não acontece por que, exactamente, *M. Simões* não é um poeta vulgar ou apenas de consciência. E', sobretudo, pela cultura que lhe reconhecemos em diversos campos de especulação das ideias e pelos atributos que estruturam, psicologicamente, a sua personalidade, um poeta de sentimentos superiores, vigorosos, inconformistas, (o inconformismo é um princípio de criação), sem tendências mórbidas, incapaz da mera aceleração do fenómeno exterior.

E porque os poetas nascem e não se fazem, como dissemos já, *M. Simões* projecta nos temas da sua arte a luz forte e radiosa do seu espírito, o êxtase da fatalidade em poesia, que supera a consciência em poesia.

(Régió, num dos seus últimos grandes livros de versos, conclutamos a uma concepção específica de consciência em arte).

No seu lindo prefácio de «*Vimaranes d'Antanho*», o dr. *Eduardo d'Almeida* distingue — e muito bem — a trilogia na poesia das odes evocativas de velhas tradições vimaranenses — temas formosíssimos que *M. Simões*, primeiro que qualquer outro, cremos, canta com simplicidade, arte e ternura religiosa: «poesia», (poesia pura), «pintura» e «música».

Prevalece, ainda, neste livro, o sugestivo, ora d'acore ora piedoso, do tradicionalismo arcaico do vulgo vimaranense, em que visionamos, em gosto pictorial, as imagens ou as multidões nos roteiros da sua fé e dos seus costumes, cheias de luz, de cor, de esperança, de perfume e alegria, por esses caminhos cheios de pó, de sol e história...

As odes são, realmente, de um sugestivo que prende, — e encanta, como esse poema «*Milagre de S. Gualter*», de puro classicismo.

Mais autorizada que a nossa, é a opinião do dr. *Eduardo de Almeida*:

«Não é bem e só poesia, no que nela há, como essência, de elevado e puro, o que se encontra nestas páginas. Já, em outras obras e colaboração jornalística, *Mendes Si-*

PROBLEMAS SOCIAIS

(Continuação da 1.ª página)

ra? Então o ordenado não chega? — Que remédio... respondeu. A gente estica-o e há-de chegar... que remédio...

— Bem, amigo Bezerra, também não há direito de tanto se queixar dos homens... E' um ordenadinho certo, tem abono de família, ajuda de custo nas deslocações, oito horas de trabalho e ainda umas gorgetinhas... não diga mal da sorte...

— Eu não digo mal da sorte... só digo mal das mentiras...

— Das mentiras?

— Sim, das mentiras...

— Então é mentira ter abono de família?

— Pois é...

— E também é mentira ter ajuda nas deslocações?...

— Também é...

— E trabalha mais de oito horas?...

— Essa história das oito horas é que é uma grande mentira... como todas as outras...

— Então o que é que é verdade?

— Verdade... é a ilusão...

— Explique-se...

— Olhe, senhor... o ordenado são dois terços do salário mínimo... (Há tantos concorrentes...)

E' verdade que desconto para ter o abono de família, mas não o recebo... dizem que só passados uns meses o principiarei a receber... e há colegas que se queixam de que já há muitos meses o não recebem... Ajudas de custo...

Quando há deslocações para fora do itinerário do costume, valemo-nos de procurar umas tascas manhosas e baratas, onde periga a honra e se ilude a barriga...

Horário de trabalho... é das seis e meia da manhã até às 9 horas da noite... E a propósito de gorgetas... é uma fama sem proveito...

Ainda viria alguma se deixássemos ir sem bilhete... mas não pode ser... não acha?

— Bem, amigo Bezerra... tenho estado sempre ao seu lado no seu infortúnio, mas agora estou contra si...

— Como queira, senhor...

E eis que chega o motorista. Confirmou tudo quanto o Bezerra afirmava. Calei-me, por momentos... Eu estava em minoria...

Eram dois contra um... Mas reagi. E então entrei com eles desta maneira:

Meus amigos: quem dá o pão é pai. Não me digam, portanto, mal dos patrões... Atrever-se a afirmar que eles guardam o dinheiro que os seus empregados descontam para a Caixa de Abono de Família, é duvidar da sua honestidade.

Isso não se afirma, nem em segredo. Dirijam-se aos seus patrões, que podem até ignorar essa vossa anormal situação e ninguém melhor que ele, pode dar remédio.

Queixar-se às instâncias superiores, será o segundo recurso, mas nisso muito cuidado...

— Pois é... intercetaram ambos... Ai de nós se o fazemos... Vamos logo para a rua...

E quanto ao excesso de horas de trabalho, então para que há o Sindicato dos motoristas e a fiscalização do Trabalho?

— O senhor bem fala...

— Adeus, amigos... Despedi-me, aborrecido de ter encontrado o Bezerra — ou se querem — dois Bezerras... dois sacrificados... e pus-me a pensar...

Mas, afinal, se ao empregado se exige que ponha toda a sua consciência no desempenho do seu dever... como se há-de conceber a paz de consciência no patrão que não cumpre o seu?

Se o empregado é obrigado, em consciência, a evitar danos ao seu patrão, como se explica que não haja escrupulo em cumprir os deveres patronais?

E' necessário que haja o devido respeito pelos direitos consignados pela lei do trabalho, para que todos se sintam recompensados no seu esforço e no seu desejo de bem servir. A' consciência profissional do empregado deve corresponder

mões afirmara a sua vocação e os seus comprovados méritos».

A capa de «*Vimaranes d'Antanho*» apresenta um equilíbrio desenho do sr. *José Simões*, filho do autor.

S. M.

«SANTA MARIA DE GUIMARÃES»

O nosso prezado amigo sr. Escultor António de Azevedo vai publicar, em breve, mais um valioso trabalho que intitulou «*Santa Maria de Guimarães* — Um Problema de Toponímia e Arqueologia Artística».

Disertando sobre a janela que no final da Idade Média serviu de rosácea à igreja gótica de Santa Maria de Guimarães, o seu curioso trabalho contém elementos muito interessantes de investigação arquitectónica e estudo histórico.

Esta obra, que se apresentará profusamente ilustrada, vai despertar, por certo, o maior interesse, até porque o seu autor não perilha, honestamente, certas deduções de carácter artístico e histórico.

O Juiz de Direito, *Valdemiro Ferreira Lopes*.

Pelo Chefe da Secção, *Aristides Ferreira Monteiro*.

a limpidez e serenidade da consciência patronal... Não dizemos isto com intuítos demagógicos, mas apenas levados pelo desejo da boa formação das consciências duns e de outros.

As relações entre empregados e patrões devem ter uma base moral, equitativa e justa.

As leis do trabalho obrigam em consciência.

Patrões: das vossas mãos, confiados no vosso prestígio, na vossa inteligência e até no vosso coração, esperam os vossos empregados aquela justa retribuição que é o seu pão, seu alento e vida.

Considerai todos no grande drama do trabalho... no problema da vida... e Deus abençoará as vossas empresas.

Câmara Municipal

SESSÃO DE 19-4-56

A Câmara, sob a presidência do Sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira:

Tomou conhecimento do acórdão do Supremo Tribunal de Justiça proferido no recurso em que são agravantes Joaquim de Almeida Guimarães e mulher e agravados Manuel Mendes Leite de Faria, esta Câmara e a Junta de Freguesia de Abação S. Tomé, pelo qual foi negado provimento ao recurso interposto pelos mesmos agravantes;

Seguidamente deliberou, além do mais, o seguinte:

Solicitar aos Caminhos de Ferro Portugueses a paragem de automotores no apeadeiro do lugar de Atim;

Mandar proceder pela Firma Concessionária ao aumento de duas lâmpadas na iluminação pública na freguesia de Briteiros Santo Estêvão;

Mandar proceder à vistoria dos esgotos existentes do lado nascente dos terrenos que envolvem o Reservatório da «Mãe de A'gua», na Arcela;

Conceder licenças para obras a: Adelino de Castro, Eurico Ribeiro de Sousa Sampaio e Arnaldo Dias Duarte;

Conceder licenças de habitação de harmonia com os respectivos autos de vistoria a Luís Vaz e Padre Abílio Novais Fernandes;

Fixar o dia 31 de Outubro próximo futuro como prazo limite para ser retirada ou alteada a ramada existente sobre o caminho público do lugar de Vila Verde, na freguesia de Gêmeos, pertencente a Aurora Leite Soares Peixoto;

Mandar proceder, por administração directa, à reparação do edifício escolar de Pencilo, depois da necessária autorização da respectiva Junta de Freguesia, proprietária do edifício;

Contratar para o cargo de motorista desta Câmara o concorrente Fernando da Silva;

Colher propostas para alienação de folhas de portadas das janelas do edifício escolar de Santa Luzia, em virtude de não terem aparecido concorrentes à praça anunciada;

Adjudicar a Armindo Alves de Abreu o fornecimento de pedras à fiada;

Autorizar pagamentos no montante de 84.107\$660.

Notícias de Guimarães n.º 1268 — 22-4-1956

COMARCA DE GUIMARÃES

Secretaria Judicial

ANÚNCIO

No dia 28 do corrente mês de Abril, pelas 11 horas, no lugar do Pevidém, freguesia de São Jorge do Selho, desta comarca e nos autos de carta precatória vindos do Tribunal do Trabalho de Braga, extraídos da execução por custas que o digno Agente do Ministério Público move contra a «*Fábrica de Tecidos de Santo António, L.da*», pendentes na segunda secção do segundo Juízo, desta comarca, há-de ser posta em praça, pela segunda vez, para ser arrematada ao maior lance oferecido acima do valor de quatro mil escudos, um Hidro com motor eléctrico, com a capacidade de quatro mços de algodão e com o n.º 55.108.

Guimarães, 20 de Abril de 1956.

O Juiz de Direito,

Valdemiro Ferreira Lopes.

Pelo Chefe da Secção,

Aristides Ferreira Monteiro.

O lamentável estado em que se encontram algumas habitações do Bairro da Federação das C. de Previdência

Pedem-nos que chamemos a atenção de quem de direito para o lamentável estado em que se encontram, exteriormente, algumas habitações do Bairro da Federação das Caixas de Previdência.

Varandas a desmantelarem-se, janelas sem pintura e com vidros partidos, paredes sujas e esburacadas, monturos de lixo em alguns recantos, eis o que se encontra num Bairro que, não sendo económico, pode considerar-se grandioso.

Urge, pois, dar conhecimento desta anomalia a quem superiormente tem atribuições para as remediar, tomando as providências imediatas que o bom nome da terra e os direitos dos inquilinos requerem.

MISERICÓRDIA DE GUIMARÃES

Em Lisboa, fez exame para a obtenção do título de Radiologista, tendo sido aprovado por unanimidade, o sr. dr. António José de Sousa Barros, passando, assim, a assumir a Direcção do Gabinete de Radiologia do Hospital da Santa Casa da Misericórdia, deste concelho, onde já era encarregado dos serviços daquela especialidade, desde o ano de 1949.

FRIGIDAIRE

Mais de 20 milhões vendidos em todo o MUNDO 305

FESTEJOS AO S. CRISTÓVÃO

Promovidos pela Classe dos Motoristas de Guimarães, vão realizar-se, em 21 e 22 de Julho próximo, grandiosos festejos em honra do seu Patrono S. Cristóvão, os quais prometem este ano revestir excepcional brilho, sendo abrilhantados pelas Bandas de Música da Polícia de Segurança Pública do Porto e da Sociedade Filarmónica Vimaranense, estando já elaborado o programa, a que oportunamente daremos publicidade.

A Comissão que se propôs levar a efeito, este ano, os tradicionais festejos, está a trabalhar, com todo o entusiasmo e, segundo nos informa, tem recebido do público o mais franco acolhimento.

Officinas de S. José

Conforme estava anunciado estiveram no domingo em festa, as nossas Oficinas de S. José, a cuja direcção dignamente preside o nosso querido amigo e ilustrado sacerdote rev. P.º Luis Gonzaga da Fonseca.

Naquele dia a Banda dos internados percorreu em saudação as ruas da cidade.

Durante a tarde a simpática instituição de Assistência foi visitada por numerosos benfeitores, que puderam apreciar a grandeza daquela Obra.

Os nossos Monumentos

Uma portaria publicada no «Diário do Governo» fixa o perímetro de protecção da Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, do padrão comemorativo da batalha do Salado e dos Paços Municipais, em Guimarães.

As festas da classe dos Alfaiates e Costureiras

O Concurso do Vestido de Chita foi uma parada de bom gosto

A Festa dos profissionais de Alfaiataria e Costura de Guimarães, a que vieram associar-se alguns colegas de Vila Nova de Famalicão e Aveiro, assim como a Direcção do respectivo Sindicato, com sede em Braga, teve como principais números o Concurso do Vestido de Chita, que foi levado a efeito com o patrocínio do Notícias de Guimarães; a evocação dos colegas falecidos e o Almoço de Confraternização da Classe, revestiu-se este ano de excepcional esplendor e decorreu em ambiente de alegria e de franca camaradagem.

O Concurso do Vestido de Chita foi, realmente, um acontecimento digno de nota e que prendeu a atenção de uma assistência numerosa e selecta, coroando merecidamente os esforços empregados pela incansável Comissão e excedendo em brilho toda a nossa expectativa.

Foi-nos grato constatar que a assistência àquela festa ficou deveras encantada, tendo aplaudido com entusiasmo e simpatia as concorrentes que tomaram parte no gracioso desfile, cuja classificação foi feita por um competente júri.

Este era constituído pelas Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Clotilde da Veiga Castro Ferreira, que presidiu; Escriitora D. Isaura Correia dos Santos, do Porto; D. Maria Alberta Ancede Geraldo Guimarães Ayres de Azevedo e D. Maria José Teixeira de Barros Vieira e ainda pelo publicista Sr. A. L. de Carvalho, que no decorrer da festa proferiu interessante palestra que adiante reproduzimos.

Entre a assistência viam-se muitas famílias desta cidade, de Fafe, Vila Nova de Famalicão, Vizela e Pevidém.

Também ali estiveram o Sr. Presidente da Câmara Municipal, o Presidente do Grémio do Comércio e outras individualidades em destaque no nosso meio.

Tudo concorreu para o bom êxito dessa Parada, em que as hábeis modistas da Cidade puseram bem à prova o seu bom gosto na Arte a que se dedicam. Estão elas também de parabéns.

O desfile e a classificação

Com o amplo Salão de Festas do Teatro Jordão repleto, vendo-se entre a assistência largamente representado o elemento feminino, o Concurso iniciou-se já passava das 10 e meia da noite de sábado, dia 14, executando a Orquestra Típica de Variedades do Centro de Recreio Popular alguns números do seu vasto repertório. Depois começou o desfile pela ordem de inscrição, o que despertou na assistência um maior interesse.

Enquanto que o incansável locutor anunciava os nomes das concorrentes e ateliêres que representavam, estas, recebidas pelo público com carinhosas palmas, iam-se exibindo no estrado, ao fundo da sala:

— Adelaide Teixeira Bastos, Ermelinda Mendes de Castro, Maria Noémia Gomes da Costa, Palmira da Silva, Irene de Sousa, Maria do Carmo Ferreira de Oliveira, Beatriz da Luz Rodrigues, Maria de Lourdes Mendes Monteiro, Maria Isabel de Almeida, Rosa Martins de Azevedo, Maria de Belém Pereira Ribeiro Forte, Anita da Costa Monteiro, Maria Arminda Rodrigues Oliveira Aurea dos Anjos Carvalho e Maria da Conceição Oliveira.

O júri ia apreciando os modelos apresentados e trocando impressões entre si.

Terminado o desfile e com todas as concorrentes formando, ao fundo do palco, um colorido friso, deu-se início à segunda parte do programa:

Depois de ter sido lida, ao microfone, por um componente da Orquestra Típica, a Gazetilha que publicamos no nosso último número, da autoria de um nosso ilustre colaborador, foi feita pelo nosso também ilustre colaborador Sr. A. L. de Carvalho a anunciada palestra que a seguir reproduzimos na íntegra e que teve por título

«A história do tecido através dos tempos»

«A mulher, obedecendo à sua própria natureza — gosta de vestir bem. Bem se vestir, para a mulher, é uma preocupação séria.

É que ela sabe que o vestido faz a mulher.

Dá forma escultural ao seu corpo. Empresta-lhe elegância. Pode mesmo, em certos casos, e figurinos, dar-lhe personalidade.

Sendo assim, como não há-de a

mulher preocupar-se com o vestido?

E se o feitiço, a cor, o tecido, podem influenciar na criação do tipo ideal que a mulher ambiciona ao menos parecer, — como não há-de a mulher sonhar com a ventura de vestir bem?

Quando, psicologicamente, nos damos ao estudo da mulher, logo nela vemos ressaltarem certas características próprias do seu sexo.

Uma dessas facetas é — os cuidados que ela vota ao espelho.

Para ver o rosto? Certamente. Mas também o seu sorriso, a sua graça — o seu vestido.

Uma vez deixado o toucador, ainda a mulher, sem abandonar a dilecta maquilhagem — a «caixinha da saúde», como artificialmente lhe chamam — não deixará na rua de olhar «as outras». As outras mulheres.

São esses figurinos vivos que a mulher não deixa de olhar, de apreciar, — tal como aprecia as montras das casas de modas e assiste a uma passagem de modelos.

Vaidade feminina? Por que não dizer, antes, o desejo estético da mulher moderna em cultivar a beleza?

Vai nisto sombra de culpa ou pecado?

Ai, se assim fosse! Grandes responsabilidades tinham os homens — aqueles que pela maneira como olham a mulher e a seguem na rua, dão ao que ela se perturbe.

De onde resulta vestir-se para si, — e para o Mundo.

De resto, por mais que os moralistas preguem, sempre a mulher renderá atenções muito devotas ao vestido novo.

Seja camponesa, operária fabril, doméstica, senhora de sala-a-cima, nobre ou plebeia, sempre, mais ou menos, a mulher dispensará cuidados ao seu guarda-roupa.

Na mulher do povo, a sécia-rica, é domingueira. Sobrepe-se, com alegria, ao traje do trabalho. Para ter sécia-rica, a mulher do povo, trabalha porfiadamente.

É perfeitamente compreensível que a mulher honesta, não ociosa — goste de realçar o vestido de «ver a Deus» com uma jóia.

Na história da economia rural, o ouro com que a camponesa se enfeita é mealheiro de previdência.

Destarte mais refulgem os atavios, os enfeites, as garridices das suas roupas.

Só é pena que não subsista em

toda a sua pureza, o pitoresco do traje antigo.

Por mal dos nossos pecados de civilização constata-se que, por toda a parte, cada vez mais se universaliza o modo de vestir — despidendo-nos do que somos.

Mal é este sem remédio. Longe se perde o eco deste conselho lançado, há cinco séculos, por um poeta moralista:

«Não devemos ser comuns, se não para Deus amarmos e servirmos. Não sejamos todos uns, em ricamente calçarmos e vestirmos.»

Conselho foi este perdido no deserto. E o mesmo destino tiveram as leis de pragmática que tentavam embargar o passo ao luxo — desperdício de fortunas e perdição das almas.

Assim se lhe contrapunha a lei:

«Todo o alfaiate, bordador, botoeiro, ourives, dourador, seleiro, sapateiro, ou oficial de outro qualquer ofício que fizer obra alguma



As quatro classificadas

contrária ao que nesta lei se determina, além do perdimento da obra, pagará pela primeira transgressão 50 mil réis, e será preso por seis meses; e, pela segunda, será desterrado, seja expulso dos meus domínios, para sempre.»

Esta severa repressão da lei recaía — como se vê — não apenas sobre quem ostentasse luxo, mas igualmente contra os artistas e mestres que laborassem tal obra.

É que, mais forte que a lei, era a corrupção dos costumes, sendo o luxo uma das suas características sociais.

Prova manifesta de que, tanto a mulher como o homem, sempre foram tentados a vestir ricamente.

Com a descoberta da Índia pelos portugueses, o ouro, as pedrarias, os tecidos raros e esquisitos, inundaram o reino.

De onde havia de resultar que todos trocassem — homens e mulheres — os tipos tradicionais do traje português, por figurinos estrangeiros.

Contra esta desnacionalizante tendência do português, quanto ao seu modo de vestir, dizia-se no século XVII:

«Vê-lo-eis ora à francesa, Depois disso à castelhana; Hoje andam à bclonhesa, Amanhã à sevillhana, E já nunca à portuguesa.»

Remédio para este mal? Jamais foi encontrado.

Os centros populacionais eram invadidos pelo sarampo das modas vindas de fora.

A própria resistência das aldeias e das serras, foi enfraquecendo.

Quanto mais se alargavam os meios de transporte e de comunicações entre os povos, mais o tipismo do vestir local se degenerou.

E caiu-se no exagero e na cópia, como se vê deste carpir dos tempos passados:

«Os desvairados vestidos que se mudam cada dia, não vejo nenhuma via para serem comédidos. Que se um galante traz um vestido d'alto corte, qualquer homem doutra sorte, outro faz.»

O mundo, — nomeadamente no reino das mulheres — jamais terá emenda quanto ao vestir.

Para esta humana doença, imperativamente contribuiu a novidade dos tecidos.

Quando se estava restrito à manufatura dos teares caseiros, as variantes eram menos sensíveis.

O modilhar da roupa, era mais lento.



Grupo das concorrentes

Uma vez iniciada a indústria têxtil, foram-se limitando os tecidos de produção caseira.

O linho, a estopa, os tomentos; a saragoça, o burel, a estamena; a serguita, a tenilha, a baetilha; tecidos que tanto haviam brilhado, vestindo tantas gerações, — perante a invasão dos tecidos estranhos de produção mecânica, apenas alguns desses tecidos ficaram sendo, na indústria manual e regional meras curiosidades etnográficas. Recolhidos nos arcazes e nos bragaes, são saudades dos tempos idos.

Foi então que surgiu o advento da chita.

Ela já existia, há séculos, no Oriente. Os primeiros nautas portugueses, no século XV, viram-na lá. E logo os seus olhos ficaram presos do encantamento da chita.

Inicialmente limitada em cores e desenhos — cores produzidas a pincel por magos das artes decorativas, — só no último quartel do século XVIII a chita se expandiu na Europa.

Para isso se estabeleceu, pela vontade forte do Marquês de Pombal, a primeira fábrica manufatureira da chita.

Então, sim, é que esse tecido, fresco e louçã, se multiplicou infinitamente em cores e desenhos — tudo obido pela nova arte da estampanaria.

Qual teria sido a reacção das Sécias perante a concorrência popular da chita?

As donas perliquitetes, todas empavonadas na seda, ter-lhe-iam, de princípio, voltado as costas.

Embora. Para que a chita triunfasse do orgulho dos grandes e da sumptuosidade dos seus tecidos predilectos — a seda, o brocado, o veludo, o damasco — bastou-lhe a simpatia que a mulher do povo logo lhe dispensou.

Com efeito, a chita tornou-se, desde a sua aparição, um tecido favorito.

Promanando da Índia, logo com ela os nossos antepassados fizeram lindas colchas de cama e discretos reposteiros de sala.

Com o andar dos tempos, o progresso industrial da chita acentuou-se. Pode afirmar-se isto: — Nem perante o turbilhão dos novos tecidos que surgiram, deixou a chita de ser a... bem amada!

Por onde a chita passa, feita vestido, derrama, como um perfume, o ar da sua graça.

Este Concurso soberanamente o comprova.

Ele, por si, reabilita o valor da chita. Pode dizer-se que, este Concurso, é a prova pública dos méritos da chita.

Que o digam os modelos em presença.

A chita, como vemos, ajesta-se a todas as toilettes; fica bem em todos os corpos.

Para o demonstrar, vieram aqui estas meninas, — escolhidos exemplares da arte costureira.

Como se vê pela amostra, não são manequins de cartão ou trapo.

Articulam-se e desarticulam-se, sem serem bonecas de dar corda pelo pé. Viram e reviram os olhos, sem que seja preciso voltá-las de cabeça para baixo.

E porque não são monas, — falam. Falam, sem que seja necessário carregar-lhes na barriga.

Dito isto, desnecessário será avisar: — Não se toca, nem com um dedo, nestes lindos modelos.

São, como vemos, de carne e osso. Vejam-se os modelos: mas apenas no corte, na confecção, na execução dos vestidos. Ao cabo de atento exame, concluiremos todos: — Que a chita, nem por ser um tecido pobre, deixa de servir para toilettes de apurado gosto.

Falta, apenas, que a Moda o decrete.

Já o mesmo se dera com a saragoça, a qual passou a usar-se nas casacas dos nobres, em tempos de

D. José I, — só porque a Corte o decretou, usando-a.

Quisesse-o a Moda, e a chita entronizara-se-ia.

Mesmo assim, como V. Ex.^{ta} estão observando, a chita resiste à concorrência.

No écran dos tempos idos, passamos, iluminados por discreta luz, — três costureiros de Guimarães: — Dantas, Pedro, e o respeitável Sr. António «das Senhoras».

Era a estes costureiros que as donas e donzelas confiavam a confecção dos melhores vestidos.

— Das mãos peritas do costureiro Dantas, dão testemunho dois diplomas: um conferido na Exposição Industrial do Porto, realizada em 1880; outro ganho na Exp. Industrial e Agrícola de Guimarães, em 1884.

— Quanto ao Sr. António «das Senhoras», basta a predilecção que lhe dava uma Dona, minha vizinha, moradora ao Largo da Oliveira, — senhora de muitíssimos e variadíssimos vestidos, todos espampanantes.

Estou a vê-los: — Metiam ternu e anquinhos. Folhos e refolhos. Extensa cauda de pavão. Os corpetes eram em forma de papo-de-galinha. As mangas lembravam — salvo seja! — «presunhos» de porco.

A cinta destes vestidos — como de todos os daquela época — sei que era sujeita à tirania dos coletes de espartilho. Mercê desta prensa, os seios subiam, o ventre retraíase. E o busto, esticando, alcançava a linha nobre do cisne, tão apreciada pelos poetas.

De igual modo as saias de baixo eram sujeitas à dureza das crinolinhas e entretelas, enquanto os fraudelins e as anáguas se retesavam com gomas e traças de palha.

Assim vestida, posto o chapéu crista de galo na cabeça, eis que saía a passeio a minha incomparável vizinha, à qual o povo crismou com o pomposo título de — «Rainha do Congo!»

Lembrei aqui um pormenor, muito do agrado dos donzeis: Foi na época dos vestidos compridos. Era tão sedutor o uso de soerguer a saia, que até as nossas freirinhas de Santa Clara — as noviças, certamente — usavam levantar o hábito. O bastante para que se lhe vissem as lindas fivelas dos sapatos.

Semelhante irreverência, merecera severa repressão de um austero Arcebispo visitador.

O que não impediu — assevera-o a História — de a moda penetrar nas celas conventuais, acompanhada da correspondente maquilhagem e perfumes.

De onde se deve concluir: — É quebradiço o ânimo da mulher, se a Moda a tenta!

Deram os costureiros a alternativa às modistas.

Haveria alguma razão de ordem estética que o determinasse?

Não é de supor, visto os costureiros serem, profissionalmente, peritos.

Seria porque as senhoras vissem o seu pudor ofendido, no momento das provas e assentamento das costuras, entregues às mãos e aos olhos desses costureiros?

Ainda esta razão não é de admitir.

Quero filiar a causa da mudança em factores, não de ordem psicológica, mas de ordem puramente social.

Porquanto: É sabido que a mulher antiga foi estruturalmente doméstica.

A profissão de alfaiate, que hoje é extensiva aos dois sexos, foi, nos séculos passados, proibida às mulheres.

E quando os regulamentos respeitantes ao ofício foram alterados, ainda estes condicionaram severas restrições à mulher.

Não admira, pois, que os alfaiates se intronetassem na confecção dos vestidos, guiados nos tempos idos pelo critério de que a mulher deve ser «gata borralheira».

Passam na minha relembração as modistas de antigamente — as do meu tempo, em nossa terra:

D. Raquel, nas Hortas; D. Maurícia; em Trás-do-Muro; D. Anacléa, na Rua de Camões; D. Sara Moutinho, nas Lajes; D. Ana Lucas, no Toural; as manas Narcisas, na Rua da Rainha; as manas Rodrigues, na Senhora da Guia; e tantas mais que tinham ateliêres. Sem contar as que andavam pelas casas — todas entregues à faina diária da sua linda profissão.

Perguntar-se-á: — E havia trabalho para todas?

Antes da linha férrea ter ligação com Fafe, Guimarães era o interposto onde se efectuavam muitas actividades económicas dos concelhos vizinhos.

Com as facilidades de comunicação estabelecidas, o Porto começou de ser o grande tentáculo usurpador — nomeadamente no caso das modistas.

Ainda assim — como no-lo está mostrando este pequeno concurso — Guimarães, graças a Deus!, tem costureiras.

De igual maneira não faltam ao nosso comércio local, lojas de modas. Senhora que se queira vestir bem, — bem se veste em Guimarães!

E nada levo pelo reclame.»

A decisão do júri

Momentos após, o júri fez anunciar o resultado do Concurso e, então, foram chamadas as quatro concorrentes classificadas:

- 1.ª — Maria de Lourdes Mendes Monteiro, do atelier da Sr.^a D. Brígida Gonçalves;
- 2.ª — Anita da Costa Monteiro, do atelier da Sr.^a D. Rosa Teixeira;
- 3.ª — Maria Noémia Gomes da Costa, do atelier da Sr.^a D. Brígida Gonçalves;
- 4.ª — Maria do Carmo Ferreira de



Em cima: o nosso ilustre colaborador A. L. de Carvalho, fazendo a sua interessante palestra. Em baixo: a concorrente classificada em 1.º lugar junto ao júri



Um aspecto da assistência ao Concurso do Vestido de Chita

AVÉ IZILDINHA—O ANJO DO SENHOR

Crônicas para maiores de 50 anos

SÍMBOLOS DA PROTECÇÃO DIVINA

Se as miríades de estrelas que fulgem no firmamento, em noites serenas e transparentes, entre as quais para outro planeta se inclui a Terra, são a mais pura, cristalina e eloquente demonstração do poder infinito de Deus, concretizado no equilíbrio inmutável do Universo; se os pássaros que voam e gorjeiam nas campinas e nos prados, como pétalas de flores animadas, engalanando as paisagens, representam a inocência e a candura de uma infância de seres; alicercadas no desprendimento pela confiança na magnificência da provisão do Criador; se a multidão de flores de matizes os mais variados e atraentes e cujos perfumes inebriantes se evolvem embalsamando as manhãs, as tardes e noites primaveris, em todos os quadrantes da Terra, bem podem ser a objectivação em escala mínima dos encantadores jardins celestiais, onde a paz, a harmonia e o embevecimento na contemplação do Omnipotente é o galardão das almas bem-aventuradas, os entes que vivem no gozo eterno da proximidade do Pai e que estão em contacto espiritual com os habitantes deste mundo, zelando, orientando, conduzindo e amparando aqueles que lhes foram designados pela vontade Divina, representam, para todos nós, que cremos e que temos fé, os símbolos mais expressivos da protecção ininterrupta do Senhor de todos os Universos exerce sobre tudo quando existe e crepita neste Vado.

Sem a constante e perene vigilância dos espíritos de luz, que são os nossos anjos da guarda, os nossos santos, os nossos protectores e intermediários das nossas aspirações junto ao Supremo Pai, segundo as nossas crenças, a Humanidade se transformaria num enorme conglomerado de indivíduos sujeitos aos dissabores e às angústias de uma existência puramente animal, no sentido exacto do materialismo biológico.

É que Deus, infinitamente sábio, imensuravelmente bom e sumamente misericordioso, outorga aos seus entes mais dilectos, a missão de conduzir os mortais, iluminando-lhes a consciência e os caminhos com a



Menina Izildinha, o Anjo do Senhor.

intensa luz interior da Fé, da Esperança e da Caridade.

Razão porque cada um de nós deve apegar-se a essas entidades nimbadas de luz, a fim de que menos amargurada nos seja a dolorosa passagem por este planeta. Na configuração explicativa dos símbolos da protecção divina, há um lugar de destaque para Izildinha «O Anjo do Senhor», a nossa querida e magnânima criaturinha, que a todos nós envolve com a sua carinhosa e meiga manifestação, quando dela nos acercamos, implorando o seu auxílio espiritual, para a solução favorável dos nossos problemas e para a minoração dos nossos dissabores.

Como a existência humana é pontilhada de angústias, com rápidos intervalos de bem-estar e relativa felicidade, não nos esqueçamos de orar, contínua e ardentemente, invocando o abençoado nome de Izildinha «O Anjo do Senhor», para que de nós afaste, constantemente, as vicissitudes, porque ela, como símbolo da misericórdia divina, não se cansará jamais, de interceder a Jesus e ao Pai, as inefáveis graças de que sejamos merecedores e das quais tanto necessitamos.

GRAÇAS

Madalena Carlos, residente na Av. Celso Garcia, 2878, São Paulo, obteve a graça em favor de seu filho que foi culpado inocentemente num atropelamento e após ter pedido o auxílio de Izildinha, apareceu o culpado. — Teresa Borges de Carvalho, residente na Rua Tieté, São Paulo, agradece a graça de seu marido ter conseguido emprego que esperava há mais de três meses. — Carolina Nago, residente na Rua Maria Marcolina, 621, São Paulo, ficou curada de uma ferida na perna

após seu pedido à menina. — Conceição Tomaiolo, residente na Rua Santo Antônio, 639, São Paulo, recebeu a graça da cura de sua sobrinha de três anos que sofreu paralisia. — Cândida Rodrigues, residente na Rua Pernambuco, 821, na cidade de Holanda, Paraná, obteve a cura de ataques. — Ana Ramos, residente na Rua Caconde, 117, São Paulo, com o auxílio de Izildinha obteve a cura de seu marido que sofria dos rins e estava desenganado pelos melhores médicos.

Na nossa Redacção e na Livraria L. Oliveira & C.ª pode ser adquirido pelo preço de 50\$00 o interessante livro da autoria de Pedro Nuno — «IZILDINHA, O ANJO DO SENHOR» — SUA VIDA — SEU AMBIENTE — SUA ÉPOCA — de 374 páginas e farta ilustração fotográfica, do qual pelo autor nos foi oferecido um lote com fins beneficentes. Destina-se todo o produto à Santa Casa da Misericórdia de Guimarães.

Quinzenalmente publicaremos as Crônicas, a 16.ª das quais se publica hoje, relacionadas com a Vida de IZILDINHA, que viveu e morreu em Guimarães, mas cujo corpo foi levado mais tarde para São Paulo.

Oliveira, do atelier da Sr.ª D. Laurinda Rodrigues Ferreira.

O público dispensou-lhes uma calorosa ovação.

Os prémios, valiosos e que foram oferecidos por diversas casas comerciais, a que já aqui foi feita merecida referência, distribuíram-se, mais tarde, no decorrer do animado Baile das Chitas, tendo presidido ao acto a Ex.ª Sr.ª D. Clotilde da Veiga Castro Ferreira, esposa do ilustre Presidente da Câmara Municipal.

A todas as demais concorrentes foram de igual modo distribuídos prémios, também interessantes e valiosos.

O animado baile, em fim de festa

Numa das dependências do modular Restaurante Jordão, serviu-se, depois, aos convidados e às concorrentes um «Porto d'Honra», trocando-se alguns brindes. E deu-se início, então, ao Baile das Chitas, em honra das simpáticas concorrentes e que decorreu com grande concorrência e animação, prolongando-se pela noite fora, até de madrugada.

O dia de domingo

No domingo os profissionais de Alfaiataria e Costura assistiram a uma missa que foi rezada às 9 horas, no Templo da Misericórdia, por alma dos colegas falecidos, e depois foram em piedosa romagem ao Cemitério de Atougua, depondo flores em alguns túmulos. Ali, a menina Elvira Gonçalves disse algumas palavras de saudade junto da campa da Sr.ª D. Ana Lucas.

Na Pensão da Montanha, na linda Estância da Penha, efectuou-se por último o almoço de confraternização, que decorreu muito bem, tendo pre-

sido o Sr. A. L. de Carvalho e assistindo, na mesa de honra, além das modistas locais, diversos convidados.

Na altura própria fez um caloroso brinde, em nome dos promotores da festa, o Sr. José de Afonseca Freitas, que fez oportunas considerações, tendo palavras de reconhecimento tanto para o *Notícias de Guimarães*, pelo patrocínio dado ao Concurso do Vestido de Chita, como para a ilustre Escritora Sr.ª Dona Isaura Correia dos Santos, que propositadamente se deslocou a esta cidade para tomar parte na festa e, de igual modo, ao ilustre publicista Sr. A. L. de Carvalho, o qual se fez ouvir seguidamente e num brilhante brinde.

Comissão das festas para o próximo ano

A Comissão nomeada para as Festas de Confraternização da Classe no próximo ano, ficou assim constituída:

António da Costa, Torcato Mendes, José Carlos, José Pereira Brites, José de Magalhães Junior e António José Barbosa da Costa.

Notas dispersas

Depois da publicação da última relação de prémios, recebeu a Comissão mais ofertas das seguintes firmas: Cabeleireira Odette, Alberto Pimenta Machado & Filhos, Freitas & Silva; Máquinas de Costura Oliva e Máquinas de Costura Necchi.

— Tomaram parte no acto de Variedades do Concurso do Vestido de Chita a menina Ana Maria e os Srs. Octávio Costa, Fernando Fernandes, Adérito Rodrigues, António Fernandes M. Ribeiro, Custódio Garcia, António Coutinho, António Guimarães e Nuno da Costa.

XXII

Os da minha geração, lá para perto dos setenta anos, assistiram a acontecimentos, transformações, revoluções e mudanças de sistemas políticos e sociais de tal natureza e tão fulgurantemente implantados, decaídos e substituídos por modalidades que dia a dia aparecem e desaparecem como relâmpagos na atmosfera mundial, que podemos dizer que assistimos ao começo, evolução e queda de uma época da Humanidade, para novamente fazermos parte já de outra Idade muito diferente daquela em que nascemos e fomos educados.

Tudo devido ao progresso das Ciências e sua aplicação técnica no serviço do trabalho do Homem, desde os fabulosos tempos da descoberta do meio de fazer o fogo, conservá-lo e transportá-lo, e juntamente a da Roda, e com estes dois elementos sair da selvageria para singrar cada vés mais velozmente até atingir a Civilização actual.

Isto vem a propósito do pacato ambiente em que nascemos e em que decorreu a nossa infância e juventude, no pacífico intervalo entre estes acontecimentos, ainda sujeitos aos parcos meios de comunicação e assim isolando as populações do influxo exterior deixava expandir as características próprias, que só eram influenciadas muito lentamente, permitindo enraizar-se usos e costumes, alguns que vêm de há séculos.

Um desses era o dos serões longas noites de Inverno, já quando as chuvas e o frio começavam a apertar, e acabava o único divertimento dos passeios à noite, ou da música do Jardim durante o Verão e parte do Outono.

As famílias mais chegadas, parentes, amigos e vizinhos, juntavam-se depois da ceia, às sete da noite, na casa deste ou daquele, conforme costume já velho, e ali passavam umas horas entretidas até lá para essas dez e meia, onze horas, que nesse tempo já era noite velha.

Reuniam-se na sala à luz do candeeiro de petróleo com o *abat-jour* de fantasia e que chegava para toda a gente.

Dividiam-se em grupos: *pequenas* crescidas, jovens e pequenos, e cada grupo tinha as suas distrações.

Os mais pequenos jogavam as cinco pedrinhas, que para essa ocasião eram umas saquinhas de chitá cheias de areia, a substituir as verdadeiras pedrinhas quando se jogavam na rua, e tinha certa sabedoria, como a de, com elas na palma da mão, atirá-las ao ar e apanhá-las nas costas todas juntas, no que consistia a primeira parte.

Depois, sempre com o movimento preliminar de as atirar ao ar, deixavam-se cair no chão, o mais espaçadas possível para se tomar uma delas, sem tocar nas outras, caso em que perdia e as passava à parceira, e atirava-se ao ar ao mesmo tempo que se colhia uma do chão para com ela aparar a outra.

A seguir colhiam-se às duas, passava-se às três e uma e continuava-se com quatro a que se chamava — pino.

Terminava este jogo pela — ponte — que era o mais difícil e consistia em acavalar o dedo indicador da mão esquerda sobre o médio e com o polegar, colocados no chão, estabelecer a tal ponte debaixo da qual passavam as pedrinhas uma a uma, duas a duas, ou todas juntas, atirando ao mesmo tempo uma delas ao ar que se aparava na mão, depois de as outras terem passado a ponte.

Também havia o jogo de «tirar as linhas» engendrado com um fio que se passava pelas mãos o qual um parceiro tomava com os dedos de certa maneira e formava uma figura, para o passar depois já transformado noutra, e assim se faziam — a masseira, espelho, lago, peixe, ponte e cruz terminando pela serra, prendendo-se uma extremidade com os dentes, dos dois lados com as mãos, e o parceiro puxava pela outra extremidade.

E havia outros de que já me não recordo, infelizmente, mas creio que estes jogos se não perderam e as crianças continuam a praticá-los; a par da iniciação da bola, e para nós, já velhos, me parece um prazer recordá-los.

A juventude, rapazes e raparigas, esses já deixavam os jogos infantis para se entreterem com as amabilidades e delicadezas, em que se formava o ambiente do respeito da Mulher, naquele tempo elevado à altura de um culto.

Entre muitos havia o jogo do anel tão querido desde o tempo das nossas avós.

Este jogo prestava-se a muitas comunicações galantes e à troca de propósitos sobre o futuro, dentro da mais estrita delicadeza, e começava por uma rapariga fornecer um anel.

Em antes todos se sentavam em círculo indistintamente com as mãos juntas, e um rapaz, ou rapariga, tomava o anel e, com ele nas mãos juntas, passava-as pelas dos assistentes sem deixar perceber em que mãos o deixou.

Depois perguntava quem era que o tinha até encontrar quem adivinhasse, e quem não adivinhasse dava uma prenda.

Estas prendas — um lenço, alfinete, brinco, caixa de fósforos, medalha, enfim, um objecto pequeno de que dispunha na ocasião — eram guardadas pela mais velha das raparigas e ocultadas aos olhares curiosos.

Repetia-se o jogo, já desta vez com aquele, ou aquela, a quem foi achado o anel, até todos terem dado prenda.

Havia a seguir os castigos dos donos das prendas, e então o último que estava no meio da roda respondia à pergunta — que se há-de fazer ao dono desta prenda?

Esta frase passou até a figurar em questões de ordem política.

A prenda estava coberta e ninguém sabia a quem pertencia e o perguntado respondia, por exemplo — fazer de espelho.

Então exhibia-se a prenda e o visado tinha de percorrer a roda, pessoa por pessoa, e reproduzir os gestos que fizesse — fingir que se penteava, torcer o bigode, caretas, enfim, imitar o que desse na fantasia de cada um, mais ou menos como um espelho.

O mártir dava a seguir a sentença para outra prenda, que podia ser — cantar de galo, ladrar, a penitência em que era obrigatório ajoelhar-se diante de cada parceiro e pedir-lhe perdão, etc., e, quando suspeitava, às vezes de cumplicidade com a parceira das prendas, que a visada era da sua afeição, proferia a graciosa sentença de — colher flores para um ramo.

Era a sentença mais cobiçada, e assim andava em volta a perguntar — que flor dá para o meu ramo? — a rosa, o cravo, violetas e outras flores cheirosas, mas às vezes uma ponta de cúme, ou de brincadeira, a sardinha.

A da última prenda ia para a berlinda, frase que também passou ao uso comum principalmente político.

Sentava-se numa cadeira no meio da roda e nomeava advogado de sexo diferente que andava a colher informações pelas quais tinha sido exposto no pelourinho da berlinda, isto dito muito em segredo ao ouvido do advogado.

Recolhidos os depoimentos ia dar conta da comissão despejando o que ouvia, bom ou mau — porque era muito trocista, tinha o nariz arrebitado, gostava muito de passar em tal rua, tinha predilecção pela letra... (inicial do nome da namorada, ou namorado), era muito bondosa, e muitas mais qualidades e supostos defeitos.

Depois de lida e aprovada a acta da sessão anterior, a Mesa tomou conhecimento do seguinte expediente: — Offício da Direcção Geral da Assistência a comunicar que, por despacho de Sua Ex.ª o Subsecretário de Estado da Assistência Social, de 30 do mês findo, foi autorizada a venda dos prédios que a Caixa Geral de Depósitos pretende adquirir, pelo preço de 669.600\$00.

— Offício do Sr. Presidente da Câmara Municipal a participar que a mesma pretende a expropriação ami-

gável de três prédios pertencentes a esta Santa Casa, com os números 6, 8 e 10, situados na Rua de S. Dámaso, desta cidade.

— Mais um officio da Direcção Geral da Assistência a comunicar que, por despacho superior de 23 do mês findo, foi concedido a esta Santa Casa o subsídio eventual de 40.000\$00 para auxiliar a despesa com a montagem de um fogão — A pedido do especialista de Ortopédia, Sr. Dr. Carlos Lima, a Mesa resolveu adquirir algum material para o bom funcionamento dessa especialidade, conforme a indicação de Sua Ex.ª

— Exarou na acta um voto de pesar pelo falecimento do Irmão e antigo Mesário desta Santa Casa, Sr. Paulino de Magalhães.

— Registou, com muito reconhecimento, a oferta de vários tecidos e pares de meias, do Sr. António Pimenta.

— Foram ainda tratados outros assuntos de interesse para esta Instituição.

O penitente tinha de aguentar esta chuva e, ora corava, ora torcia o nariz, e a assistência em grande gaudio a arrebitar as orelhas à espera de assunto encoberto.

O condenado escolhia um dos artigos do libelo, geralmente o mais contundente para saber quem o tinha mimoseado, e o seu autor ia por sua vez para a berlinda.

Este jogo durava quase todo o serão, com recitações de poesias e monólogos, em que a juventude se entreteinha em galanteios num ambiente espiritualoso, alegre e confiado.

Mas o resto do serão fica para depois.

Jogueiros—Felgueiras, 11 de Abril de 1956. (continua)

A. DE QUADROS FLORES.

BELCUT

A máquina SUÍÇA de barbear mais perfeita que existe!

BELCUT

Não precisa de reclame... para barbear bem!

ASSISTÊNCIA TÉCNICA COM PEÇAS DE ORIGEM

VENDEDOR EXCLUSIVO:

Bernardino Jordão, Filhos & C.ª, L.ª

Largo 28 de Maio GUIMARÃES R. de Santo António

Santa Casa da Misericórdia de Guimarães

Sessão da Mesa de 6 de Abril de 1956

Sob a presidência do Ex.ª Provedor, Sr. Mário de Sousa Meneses, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

Depois de lida e aprovada a acta da sessão anterior, a Mesa tomou conhecimento do seguinte expediente: — Offício da Direcção Geral da Assistência a comunicar que, por despacho de Sua Ex.ª o Subsecretário de Estado da Assistência Social, de 30 do mês findo, foi autorizada a venda dos prédios que a Caixa Geral de Depósitos pretende adquirir, pelo preço de 669.600\$00.

— Offício do Sr. Presidente da Câmara Municipal a participar que a mesma pretende a expropriação ami-

gável de três prédios pertencentes a esta Santa Casa, com os números 6, 8 e 10, situados na Rua de S. Dámaso, desta cidade.

— Mais um officio da Direcção Geral da Assistência a comunicar que, por despacho superior de 23 do mês findo, foi concedido a esta Santa Casa o subsídio eventual de 40.000\$00 para auxiliar a despesa com a montagem de um fogão — A pedido do especialista de Ortopédia, Sr. Dr. Carlos Lima, a Mesa resolveu adquirir algum material para o bom funcionamento dessa especialidade, conforme a indicação de Sua Ex.ª

— Exarou na acta um voto de pesar pelo falecimento do Irmão e antigo Mesário desta Santa Casa, Sr. Paulino de Magalhães.

— Registou, com muito reconhecimento, a oferta de vários tecidos e pares de meias, do Sr. António Pimenta.

— Foram ainda tratados outros assuntos de interesse para esta Instituição.

O penitente tinha de aguentar esta chuva e, ora corava, ora torcia o nariz, e a assistência em grande gaudio a arrebitar as orelhas à espera de assunto encoberto.

O condenado escolhia um dos artigos do libelo, geralmente o mais contundente para saber quem o tinha mimoseado, e o seu autor ia por sua vez para a berlinda.

Este jogo durava quase todo o serão, com recitações de poesias e monólogos, em que a juventude se entreteinha em galanteios num ambiente espiritualoso, alegre e confiado.

Mas o resto do serão fica para depois.

Jogueiros—Felgueiras, 11 de Abril de 1956. (continua)

A. DE QUADROS FLORES.



A SACOR INFORMA:

1.º — que, utilizando as modernas unidades da sua poderosa Refinaria, tem já em produção, além do PETRÓLEO PARA MOTORES,

o ENXOFRE COM PUREZA SUPERIOR A 99,9%.

2.º — que a C. U. F., servindo-se das suas modelares instalações, está convertendo o ENXOFRE SACOR em

Enxofre ventilado extra-fino

O PRODUTO QUE CADA LAVRADOR DEVERÁ PREFERIR

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:
 No dia 17 a sr.^a D. Maria Emília Folhadela de Melo, esposa do nosso prezado amigo e conceituado industrial em Ronfe, sr. António Teixeira de Melo; no dia 25, os nossos prezados amigos srs. João Mendes Fernandes, Luis Gonsaga F. de Carvalho, João Paulo M. da Silva e João Bernardino Marques Júnior e o menino Adão Fernando Moreira de Figueiredo, filho do nosso amigo sr. António Moreira Sampaio; no dia 26, os nossos prezados amigos srs. Camilo Nogueira da Costa e sargento Ernesto Rocha, marido da nossa estimada conterrânea sr.^a D. Bernardina Tavares, residente no Porto; a interessante menina Maria Isabel Moniz Lima, filha do nosso bom amigo sr. António de Sousa Lima e o menino Fernando Casimiro da Silva, filho do nosso bom amigo sr. António Martins Ribeiro; no dia 27, a Senhora D. Maria Luísa da Cunha Ribeiro, esposa do sr. Joaquim da Costa, de Covas; no dia 28, a menina Maria Alberta Teixeira Alves Pinto, os nossos bons amigos srs. João Gonçalves, dr. João Neto, Alexandre Coelho Vilariño, de Lisboa, Domingos Ribeiro e Gaspar Ribeiro Jordão e a sr.^a D. Maria Amélia Teixeira; no dia 29, o nosso prezado amigo sr. Ezequiel de Sousa; no dia 30, o nosso amigo sr. Armindo Duarte, mademoiselle Rosa Pinto de Faria e a sr.^a D. Amélia de Oliveira Freitas.

«Notícias de Guimarães» apresentam-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Partidas e chegadas

Acompanhada de seus filhinhos, e de visita a seus estremecidos pais, chegou há dias de S. Tomé, com demora de uns meses, a sr.^a D. Maria Jaqueline Monteiro Dias de Castro Martins, esposa do nosso estimado conterrâneo e amigo sr. Henrique Ferreira Martins.

Cumprimentámos nesta cidade o nosso prezado amigo e distinto Professor-Compositor sr. Eurico Tomaz de Lima.

Esteve em Lisboa, de onde já regressou, o nosso prezado amigo sr. Manuel da Costa Leite.

Com suas esposa e cunhada, esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. dr. José Maria Campos Soares, de Fafe.

Com sua esposa esteve em Lisboa, onde foram esperar um seu tio que chegava de Lourenço Marques, o nosso bom amigo sr. Armindo Maria Fernandes.

Também estiveram em Lisboa, onde foram aguardar a chegada, de S. Tomé, de uma sua filha e irmã, respectivamente, os nossos amigos srs. dr. Mário Dias de Castro e dr. Augusto Monteiro Dias de Castro.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso bom amigo sr. António Alves da Costa Abreu, de Vilariño (Santo Tirso).

Apresentou-nos os seus cumprimentos de despedida, por motivo de partir, com a família, para África, na próxima semana, o nosso prezado amigo sr. Joaquim Carvalho Ribeiro, a quem, com os nossos agradecimentos, desejamos boa viagem e muitas felicidades.

Com sua esposa regressou de Lisboa o nosso prezado amigo sr. José Faria Martins.

Encontra-se na sua casa de S. Torcato o nosso prezado amigo sr. Valeriano Alves.

Tem estado em Lisboa, de visita a seu irmão que se encontra doente, a sr.^a D. Zulmira Pereira de Freitas Pires, esposa do nosso prezado camarada sr. João de Deus Pereira.

Em serviço da sua profissão, partiu para Lisboa o nosso amigo sr. António Soares, Cabelheiro de Senhoras nesta cidade.

Depois de ausente de Guimarães durante uns trinta e cinco anos, chegou há dias a Lisboa no

«Império», encontrando-se desde ontem nesta cidade, onde, de visita a sua família, tenciona demorar-se algum tempo, o nosso estimado conterrâneo e amigo sr. Simão Martins da Costa, a quem abraçamos.

Tem estado entre nós o nosso bom amigo sr. Eduardo Pizarro de Almeida.

Tem estado em Itália, devendo regressar em breve, o nosso prezado amigo sr. Joaquim de Sousa Oliveira, conceituado industrial em Vizela.

Esteve em Lisboa o nosso prezado amigo e distinto colaborador sr. Coronel António de Quadros Flores.

Doentes

Recolheu de novo a um quarto particular do Hospital da Misericórdia, a tratar da sua saúde, o nosso prezado amigo sr. António Pimenta.

Continua doente a sr.^a D. Maria Irene Cardoso Martins.

Desejamos breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Use Gazcidla

Falec. e Sufrágios

D. Elisa Folhadela Marques

Na residência de sua filha sr.^a D. Corina Folhadela Marques Barbosa e genro, o sr. Comendador Manuel Ferreira Barbosa, em Joaze (Famalicao), faleceu com a respectiva idade de 85 anos, a sr.^a D. Elisa Folhadela Marques, viúva do sr. Joaquim da Costa Marques, Senhora que deixa em quantos a conheceram a maior saúde, deixando o seu nome ligado a numerosas obras de assistência daquele Concelho.

A extinta era mãe muito querida do sr. comendador Alvaro Folhadela Marques, prestigioso presidente da Câmara Municipal de Famalicao, casado com a sr.^a D. Ermelinda Areias Marques; da sr.^a D. Maria Emília Folhadela Marques, casada com o sr. comendador António Teixeira e Melo; do sr. Guilherme Folhadela Marques, casado com a sr.^a D. Carmen da Cunha Guimarães Folhadela Marques; da sr.^a D. Corina Folhadela Marques Barbosa, casada com o sr. comendador Manuel Ferreira Barbosa; e avó dos srs. António Folhadela Marques Moreira, casado com a sr.^a D. Maria Luísa Folhadela de Oliveira Moreira; D. Maria Elisa Folhadela Marques Moreira da Cunha Guimarães, casada com o sr. Altino da Cunha Guimarães; do sr. Flávio Folhadela Marques Moreira, casado com a sr.^a D. Maria Adelaide Garrido de Meireles Folhadela Moreira; do sr. Virgílio Folhadela Moreira, casado com a sr.^a D. Maria Amélia da Cunha Moreira; do sr. José Carlos Folhadela Barbosa, casado com a sr.^a D. Maria José Corte Real Saavedra Guedes Machado Folhadela Barbosa; do sr. Alvaro Gil Areias Marques, casado com a sr.^a D. Maria Adriana da Costa Mesquita Areias Marques; da sr.^a D. Maria Manuela Folhadela Marques de Melo da Costa Guimarães; do sr. eng.^o Rogério Abílio Areias Marques, casado com a sr.^a D. Maria Alexandrina Folhadela de Melo e Costa Marques; do sr. José Augusto Folhadela de Melo, casado com a sr.^a D. Maria Fernanda de Amorim Rebelo Teixeira Andrade e Costa Correia de Melo; do sr. Mário da Cunha Guimarães Folhadela Marques, casado com a sr.^a D. Maria Helena Vaz Folhadela Marques; da menina Elisa da Cunha Guimarães Folhadela Marques, Jorge Folhadela Marques, António Manuel Folhadela Marques Melo e José Guilherme, Eurico, Ana Maria e Emília da Cunha Guimarães Folhadela Marques.

A família enlutada apresentamos sentidas condolências.

José de Oliveira Costa

Na sua residência, à rua de Alcobaca, faleceu o sr. José de Oliveira Costa, casado com a sr.^a D. Maria Emília Lopes Monteiro da Costa.

O extinto fez parte de diversas corporações religiosas.

O funeral realizou-se ontem, na igreja da Misericórdia.

As nossas condolências.

De luto

Pelo falecimento de seu avô, ocorrido há dias em Sinfães do Douro, guarda luto a sr.^a D. Maria José Berbedo Garcia, esposa do nosso prezado amigo sr. João de Almeida Garcia. Apresentamos-lhes as nossas condolências.

Guarda luto pelo falecimento de seu pai, ocorrido há dias, repentinamente, em S. Paio de Vizela, o nosso prezado amigo e estimado Presidente da Junta da mesma Freguesia, sr. João da Silva Monteiro, a quem apresentamos condolências.

Vida Católica

Ordem Terceira do Carmo

A Comissão Administrativa da V. O. T. do Carmo manda celebrar

Contra o Míldio!!! — FUNGIDOX

(Origem Suíça) — 50 % de Cobre-Metal
 FUNGIDOX é o melhor, mais prático e económico meio de prevenção contra o míldio da Vinha, Batatais e todas as culturas. FUNGIDOX não necessita de calor, molhantes ou aderentes, podendo ser misturado com a maioria dos insecticidas, nomeadamente com os famosos C-B-HO e T. X. L.
 FUNGIDOX é apresentado em embalagens de plástico de 200 e 400 grs. e em sacos de 25 e 50 kgs.

Contra o Oídio!!! — UVANE

Enxofre molhável com 80 % — (Origem Alemã)
 Importadores exclusivos:
 JOSÉ FERREIRA BOTELHO & C.^a, L.^a
 R. Mousinho da Silveira, 140-1.^o — Porto
 Façam os seus pedidos ao seu representante em Guimarães:
 PEDRO DA SILVA FREITAS (Chafarica)
 R. de Santo António, 11 e 13
 Telef. 4221 — Ender. Teleg.: Perfeitas 521

J. MONTENEGRO

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS — ALTA E BAIXA TENSÃO
 Largo 28 de Maio, 78-1.^o — Tel. 4510
 GUIMARAES

na sua igreja no dia 29 do corrente, às 7,30 horas, uma missa em sufrágio da alma do seu antigo Padre Comissário, rev. António Teixeira de Carvalho, convidando a assistirem ao piedoso acto todos os irmãos.

Santa Filomena

Na Igreja de S. Francisco, será benzida hoje uma linda imagem da milagrosa Santa Filomena, que foi oferecida por uma devota, em acção de graças e que ficará ali à veneração dos fiéis.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Dias Machado, à R. da Rainha, Telef. 40424.

Ao Tribunal

Foi enviado ao tribunal, por ter atropelado na via pública, quando seguia montado em bicicleta, a menor Maria do Sameiro da Silva Fernandes, do lugar de Campelos, freguesia de S. João de Ponte, abandonando-a na estrada em estado grave, António da Silva Cunha, solteiro, de 17 anos, sem profissão, do mesmo lugar e freguesia.

Assunto de Interesse

Deve comparecer, com urgência, na secretaria da Câmara Municipal o sr. José de Abreu, nascido a 26 de Janeiro de 1931 em Saint-Fons (Rhône), França, filho de José de Abreu e de Josefina Augusta da Silva, nascidos em Guimarães, respectivamente, em 1 de Dezembro de 1897 e 22 de Agosto de 1903, ou pessoa de sua família.

Vida Escutista

A Junta Local do Corpo Nacional de Escutas promove hoje a comemoração de dia de S. Jorge, havendo além de outras cerimónias, um desfile de escutas, pelas 14 horas, até junto do Cruzeiro da Independência, onde falará o Chefe sr. Coutinho.

Também no próximo dia 29, será prestada homenagem ao Santo Padre, com alocação nas sedes das unidades e outros actos comemorativos. Pelas 21 horas, na sede da Junta Local, haverá uma sessão em que será orador o Rev.^o Assistente das Unidades de S. Sebastião, Sr. Dr. Jesus Ribeiro.

Compre o melhor
FRIGIDAIRE
 A marca que deu nome
 aos frigoríficos 304

Use Gazcidla

Caldeira Horizontal
 Vende-se
 12 m.² de capacidade
 6. Kg./cm.² de pressão
J. BARROSO
 PEVIDÉM
 TELEFONE, 4668 525

Atinador para Máquinas Jacquard
 Admite-se pessoa habilitada em Armados e Afinação de Máquinas Jacquard. Guarda-se sigilo se estiver empregada. Nesta redacção se informa. 219

Use Gazcidla De Covas

Serviços Médico-Sociais

A Caixa Sindical de Previdência distribuiu uma circular pelas entidades patronais, a fim de informar o pessoal de que intensificou a fiscalização entre os seus beneficiários com baixa médica e quais as penalidades a que estão sujeitos os infractores ou os que causarem dano moral ou material irreparável...

Ora, temos a dizer que não concordamos com tudo o que nela se observa, pois está mais indicada para ser dirigida aos clínicos. Há muito que chegamos até nós muitas reclamações quanto ao deficiente serviço dos S. M. S. desta cidade. Não nos ocuparmos do assunto se não aparecesse esta circular. Pergunta-se: — Como é que se vai intensificar a fiscalização se os beneficiários são os primeiros a queixarem-se da Caixa?

Uns, queixam-se de que em virtude do grande número de doentes que se apresentam à consulta, poucos são os que chegam a ser auscultados no Posto Médico n.º 72 e tratados com bons medicamentos. Como é que assim se saberá quais são os doentes?

Outros queixam-se de que quando os médicos receitam bons medicamentos estes são substituídos por outros de baixo preço, como ainda há dias aconteceu a um beneficiário que fazia tratamento ao reumatismo e teve de suspender por ordem do médico as injeções que lhe tinham sido substituídas pelas da receita — pois estas eram para as doenças do coração.

Coisas graves, muito graves. Citamos outro: queixa-se de que precisou dum medicamento — o único indicado para a sua doença — mas como era de preço elevado teve de adiantar o dinheiro, algumas centenas de escudos, e esperar pelo reembolso dos 75% três meses.

Mais outro: — Há mais de meio ano precisou de tirar um dente e recorreu ao Posto — onde o autorizaram a ir ao consultório particular de um especialista e depois apresentar a conta. Assim fez. Decorridos seis meses devolveram-lhe o recibo dizendo que não pagavam. Em face disto reclamou para a Caixa Sindical e recebeu daí a tempos o seguinte ofício: «Os que recorreram aos estomatologistas que faziam serviço no Posto, nos seus consultórios particulares, foram indemnizados por encontro de contas com os honorários daqueles; os outros que recorreram ao estomatologista estrangeiro, Dr. Alvaro de Carvalho, vieram indeferidos os seus pedidos de reembolso. Está neste último caso este be-

neficiário». Que rica resposta... Perguntamos: — Que culpa tem o beneficiário que no Posto não tivesse conhecimento de que não pagavam por ser aquele especialista? Mas afinal haverá alguma lei que obrigue os beneficiários a adiantarem o dinheiro da consulta para depois o não receberem? Não haverá possibilidade de se evitar tudo isto?

Além das faltas acima apontadas os beneficiários ainda se queixam de outras, das quais, por falta de espaço, não nos ocupamos hoje. Será dano moral apontar estas irregularidades?

O posto do correio de Covas ficou... no tinteiro

Faz este mês um ano que se realizou o concurso, na Estação Telegrafo-Postal de Guimarães, para o transporte de malas do correio entre o posto dos C. T. T. de 1.^a classe, a criar em Covas e a Estação do Caminho de Ferro... E até à data continuamos à espera do dito Posto...

Pergunta-se: — Até quando teremos de ir à cidade para «fazer» um registo e andar a pedir por favor para fazer um telefonema local e pagar ainda 1\$00, ou seja, 100% a mais?

Um carimbo comercial que veio de passeio até ao Minho...

Uma criança possui um carimbo comercial em bom estado com os seguintes dizeres e que fez a permuta com outra:

Alexandre da Fonseca — Mercaria e Vinhos — Cartuxa - Caxias.

Não será produto de algum roubo?
 Que mistério haverá?
 Informa o correspondente desta localidade.

Funeral da menina Maria Leopoldina F. Salazar Leitão

Constituiu grande manifestação de pesar o funeral da menina Maria Leopoldina Ferreira Salazar Leitão, que com 15 primaveras deixou inesperadamente este mundo.

O préstito fúnebre saíu na sexta-feira da sua residência do lugar do Pego e nele tomaram parte muitas pessoas de todas as categorias sociais.

Na igreja da Polvoreira foram rezados os responsos, e dali o féretro foi trasladado para o cemitério desta freguesia, onde ficou sepultado.

A sua morte causou a maior consternação nesta localidade onde a saudosa menina era muito estimada. A extinta era filha do sr. Jaime Teixeira Leitão e da sr.^a D. Laurinda Ferreira Leitão; sobrinha dos srs. Guilherme, José e Alípio Salazar Leitão e das sr.^{as} D. Maria, D. Eva e D. Eduarda Leitão. A família dorida e dum modo especial ao infeliz Pai e nosso bom amigo sr. Jaime Teixeira Leitão muito sentidamente apresentamos o nosso profundo pesar por tão rude e inesperado golpe. — C.

BREVEMENTE
 no
TEATRO JORDÃO
 «O Senhor Ventura»

SOFRE DOS CALOS?
 Não perca tempo e dinheiro com deslocções a outras terras para os tratar!
 Trate-os em Guimarães, no Largo Condessa do Juncal, 27-1.^o. Telefone 40471. 17

Armazém de Sal
 «Alzira Bravo»
 Armazenista distribuidora — Largo 13 de Fevereiro n.º 15 — Guimarães. Previde os seus Ex.^{mos} clientes que o seu telefone passou a ser o 4288 p. f. Também comunica que tem sal miúdo e graúdo. Entregas ao domicílio. Agradece a preferência. 508

ALTO, SR. PROPRIETÁRIO!
 Nas s/ compras de TUBOS GALVANIZADOS exija e verifique que sejam de parede normal.
 A aquisição de tubos de parede reduzida vai agravar-lhe o orçamento. Consulte-nos e nós o provaremos. Uma única Firma deste concelho importa directamente TUBOS GALVANIZADOS e garante o que vende porque sabe o que compra.
Em TUBOS GALVANIZADOS... ALTO!
Em GUIMARAES... SÓ
A Competidora de Representações, L.^{da}
 RUA DA RAINHA N.º 115 — TELEF. 4525 8

Jerónimo Assunção Ferreira
 INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS DE QUALQUER GÉNERO
 VENDA DE MATERIAL
 ORÇAMENTOS GRÁTIS
 RUA DA RAINHA D. MARIA II — TEL. 4204 (favor)
 GUIMARAES 4

Repartição dos Serviços Económicos e do Trabalho Prisional e Correccional

BRIGADA DE TRABALHO PRISIONAL DE GUIMARAES

Fornecimento de ferro

Encontra-se aberto o concurso para o fornecimento de ferro de diversas medidas, no total de 125.265 quilos, constante do respectivo caderno de encargos, devendo as propostas ser enviadas à Brigada de Trabalho Prisional de Guimarães, até ao dia 5 de Maio próximo, às 15 horas.

As condições e demais elementos para este fornecimento, estão patentes na Secretaria da referida Brigada, podendo ser ali solicitadas pelos que o desejarem.

Guimarães, 20 de Abril de 1956.

O Director da Cadeia, 324

Mário Augusto Fernandes Afonso.

Ofertas e Procuras

Prédio Vende-se, novo, com garagem, boas lojas e grande quintal, na rua Dr. Alfredo Pimenta. Para informações, no Café Oriental. 207

Prédio urbano VENDE-SE na freguesia de Lordelo, junto à estrada, com bom quintal. Informa: António de Freitas — Rua da Rainha, 71-A — Guimarães. 227

Bairro com seis casas Vende-se, situado no lugar da Rechã, freguesia de Caldas S. João e Caldas S. Miguel, em Vizela, com quintal pertencente a cada casa. Falar com o sr. Manuel Martins, Stand n.º 6, Rua Paio Galvão, desta cidade. Telef. 4225. 229

Terrenos no Pevidém Já conformo plano de urbanização e com a necessária autorização da Ex.^{ma} Câmara Municipal, vendem-se diversos talhões para construções urbanas no melhor local do Pevidém.
 Informa: ARMANDO MARTINS — Rua da Rainha D. Maria II. 306

LUVAS de homem, perdem-se no penúltimo sábado, ou domingo, nesta cidade. E' favor entregá-las na redacção deste jornal. 211

VIAJANTE Precisa-se, com prática de tecidos de algodão, para viagem de Trás-os-Montes e Douro, que possua carta de condução.
 Nesta redacção se informa. 512

Boa colocação em Moçambique. Pretende-se rapaz saudável, com alguns conhecimentos de escrita comercial. Dão-se esclarecimentos na Redacção. 310

CASA ALUGA-SE Nova, tendo sala, 3 quartos, cozinha, casa de banho, arrecadação, electricidade, quintal, a 5 quilómetros da cidade, próxima de estrada servida de camionete. Renda, 170\$00 mensais. Informa esta redacção. 515

Precisa-se 400.000\$00 por hipoteca sobre propriedades. Urgente, sem intermediário.
 Nesta redacção se informa. 516

SÓCIO Para indústria nova e de futuro, com expansão para o estrangeiro. Precisa-se. Nesta redacção se informa. 518

DINHEIRO Empresta-se a juros.
 Nesta redacção se informa. 522

Só o frigorífico
FRIGIDAIRE
 possui o economizador de corrente «METER-MIZER»

Use Gazcidla
 O amor à Terra e à Grei
 — eis o nosso lema.

FIBRA ARTIFICIAL

IHRRIX
 Agentes-Depositários
WANDSCHNEIDER & C.^a, L.^{da}
 R. Cândido dos Reis, 74-2.^o
 TELEF. Est. 17 Comp. 21 404 PORTO

DESPORTO

A "MARATONA" DO FUTEBOL NACIONAL

(FASE - FINAL)

Olhanense, 1 — Vitória, 3

Um grande jogo numa admirável jornada de camaradagem desportiva

No «Mundo Desportivo» de 4.ª-feira passada, vem o seguinte: «Aconteceu em Olhão! E não seriam muitos, nem esses estariam bem convictos, a pensar no êxito que o Vitória de Guimarães obteve em plagas algarvias. Desde Maio do ano passado — há portanto 11 meses — que o brioso Olhanense se mantinha invencível no seu reduto, tendo perdido o último jogo nos oitavos de final da Taça de Portugal. Durante a fase inicial, em 13 jogos, apenas consentiu 4 empates (Estoril, Arroios, Oriental e Portimonense), totalizando 38/11. Repare-se na curiosidade de 3 equipas lisboetas não terem perdido lá. Contra o Coruchense fez o seu 14.º jogo em casa e totalizou: 10 vitórias, 4 empates e 45/11 em «score». E no 15.º embate... foi o Vitória de Guimarães quem venceu! E' futebol, amigos...»

Realça esta transcrição o mérito do triunfo vimaranesense. O futebol possibilita *chorrilhos* desta natureza e, assim, quando tais circunstâncias terminam, muitos *juizes* se inventam para justificar o acontecimento. Daí se ter aparentado a uns tantos que a sorte bafejou a nossa equipa. Que o julgassem assim os correspondentes locais, ainda havia o seu quê de justificável, mas que o pensassem também o comentador neutro é que nos causa de sobremodo estranheza.

Tivemos a oportunidade de assistir ao encontro e vimos-lo numa maneira diferente que certa crítica o entendeu. O mérito do triunfo do Vitória residiu em factores que vão além da própria sorte do jogo. O orientador técnico do nosso Clube tinha com certeza estudado devidamente a valia dos algarvios, como estes planificavam o seu jogo e, portanto, o modo como seria possível parar-lhes a força de jogar em casa.

O domínio da equipa de Olhão foi mais consentido do que imposto. As pedras vitorianas escalonaram-se no terreno de modo a eliminar a característica de futebol ofensivo que guia a equipa da casa. Silva teve sempre, na sua frente, uma *cortina* de quatro defesas, construída com o recuo de Artur, onde a *dobragem* sincronizada dos seus elementos lhe permitiu a exibição admirável que realizou. De tal modo que no único instante em que a citada *dobragem* não se deu, os algarvios fizeram o seu único gol.

Mas, se sobre o ponto de vista defensivo a manobra vimaranesense foi deveras eficiente como contámos, o escalonamento no terreno dos restantes elementos também resultou na positividade do resultado, tendo por base o sistema de contra-ataque. O recuo dos extremos vimaranesenses trouxe consigo os defesas laterais algarvios e como ainda Rinaldi apareceu com regularidade na zona vaga pelo recuo de Artur, as contra ofensivas do Vitória permitiram sempre a desorganização da defesa do Olhanense, pois o esférico foi cuidadosamente dirigido para os espaços vazios, permitindo a Lutero o seu alcance e jogar de modo a colocá-lo nos pés de Ernesto, livre de adversários. E se sorte houve, foi somente em o brasileiro estar em dia de pontapé certo.

Não é nosso hábito, nestes comentários semanais, fazer divagações de ordem técnica como a que atrás desenvolvemos. Mas hoje fomos levados para esse caminho porque nos *compungiu* em demasia o relato sobre este encontro, publicado na «A Bola», da autoria de Acácio Correia. A reputação do jornal dos *mestres* Cândido e Ribeiro dos Reis, merece que as suas crónicas sejam guiadas por um melhor espírito de justiça do que aquela feita pelo antigo guarda-redes da Académica de Coimbra.

Quem estivesse devidamente atento (e com espírito imparcial) a ver o decorrer do jogo, não podia deixar de compreender que o triunfo minhoto foi obtido por força dum plano estratégico. As *perdiças* algarvias foram possivelmente quatro, como se apontaram, mas apareceram sempre em lances, que a defesa vimaranesense acompanhou no momento do remate. E se foram quatro, a elas se opuseram três dos alvi-negros, que somadas aos golos realizados, dão em matemática elementar um resultado análogo ao do encontro.

Pela fé de quem somos, o jornalista de «A Bola» viu mal o jogo ou, o que seria pior, viu-o com espírito pouco imparcial e, portanto,

impróprio para quem tem de esclarecer o público.

Registada esta referência, que não quisemos deixar no óbvio, temos somente de acrescentar que todos os jogadores vimaranesenses demonstraram compenetração exacta da função e do dever de bem cumprir. Se Silva ou Ernesto, um a defender e outro a marcar, chamaram mais a atenção de quem viu o encontro, nem por isso Lutero, Artur, Bártolo, Virgílio, Silveira ou Cesário, lhes foram inferiores. Mas todos, sem uma falha, contribuíram para o êxito, que nos parece de proveitosas consequências futuras.

Ficha do jogo — Vitória: Silva, Virgílio e Daniel; Cesário, Silveira e Artur; Bártolo, Rinaldi, Ernesto, Lutero e Bengé. Olhanense: Abade, Ezequiel e J. Manuel; Poira, Tavares e Reina; Rangel, Simões, Parra, Cava e Nuno. Arbitro António Calheiros, de Lisboa.

Os golos vimaranesenses foram todos da autoria de Ernesto, dois na primeira parte e o outro mesmo no último minuto do encontro. O tento algarvio pertenceu a Parra, quando o resultado estava em 2-0.

Resultados gerais da jornada: Olhanense, 1 — Vitória, 3; Salgueiros, 1 — Oriental, 1 e Coruchense, 0 — Boavista, 0.

Com os jogos de hoje termina a primeira volta. São os seguintes: Vitória — Salgueiros; Boavista — Olhanense e Oriental — Coruchense.

O jogo da Amorosa é da maior importância para os vimaranesenses. Um triunfo nele e, no que se segue com o Coruchense, colocará a equipa em condições que permitam augurar-lhe o melhor futuro. Por isso há a necessidade de possibilitar à equipa do Vitória um apoio incondicional por parte dos seus adeptos. O grito de incitamento deve ser constante em todas as bocas, seja qual for a marcha do resultado. Os jogadores do Vitória já deram suficientemente provas cabais do seu valor e agora somente precisam de jogar no seu campo tendo este factor devidamente a seu favor. Daí resultarão os triunfos que se desejam e a lógica concretização de todas as ambições que andam no espírito dos desportistas de Guimarães.

L. R.

O Nacional de Juniores

D. F. Holanda, 1
Académica, 3

Com o resultado do jogo do último domingo, foram-se, logicamente, todas as esperanças dos *escolares* quanto a uma chegada à «final» da prova. A juventude da equipa e mais ainda a juventude do próprio Clube, não foi forte suficientemente para vencer o complexo criado pelo resultado estrondoso sofrido contra o F. C. Porto. Quem viu o jogo da Amorosa, do último domingo, reparou certamente que a afoiteza, tantas vezes demonstrada pela equipa do D. F. Holanda, não apareceu do mesmo modo que anteriormente. Daí o resultado final do encontro que, não condizendo com o domínio dos locais, foi fruto dos seus próprios erros, sobretudo da sua pouca eficiência em realizar em frente da baliza.

Não desanimem com este resultado os atletas e os responsáveis do Clube da nossa Escola Técnica. Fizaram muito e muito de valoroso. O seu comportamento durante a época é coroa de glória que evidencia o Clube e, portanto, devem-se dar por satisfeitos por terem atingido no futebol juvenil português uma reputação que certamente há-de perdurar.

A equipa *escolar* desloca-se hoje ao Porto, onde enfrentará o Salgueiros.

Dia de ajuda do Sócio do Vitória

Conforme fora deliberado em Assembleia Geral, os Sócios do Vitória terão, para o encontro que hoje se joga na Amorosa contra o Salgueiros, de se munirem de um bilhete especial que lhes dará ingresso no campo.

Para facilitar a aquisição deste bilhete os cobradores do Clube têm estado na sede do Vitória, conforme é costume nestas circunstâncias.

HÓQUEI EM PATINS

A «Taça de Honra do Minho» principia na próxima quarta-feira

Chegaram a bom termo as laboriosas diligências da Associação de Patinagem de Braga para levar a efeito esta prova. Felizmente conseguiu-se a inscrição de seis Clubes, que são o Vitória, o Vianense, o Académico, as Taipas, a Tebe e o Famalicense. Isto permitirá a realização de cinco jornadas, que vão ser todas efectuadas no Rink da Amorosa.

A título de esclarecimento, para aqueles que porventura têm *maus pensamentos*, informamos que a prova se realiza totalmente em Guimarães, por que somente o Vitória foi capaz de arcar com a responsabilidade económica da organização. Assim a prova terá a sua organização técnica a cargo da Associação Regional e todos os concorrentes terão a ajuda económica do Vitória, para poderem participar nela, beneficiando o Clube vimaranesense do facto dela ser disputada no seu Rink.

A Secção de Hoquei do Vitória tomou este encargo, confiando na dedicação dos associados do Clube, que na época passada viveram momentos de verdadeira satisfação com os êxitos obtidos pela sua equipa. Assim, espera a ajuda dos mesmos, comprando um bilhete especial, que não é obrigatório, a preço absolutamente acessível a toda a categoria de sócios, de 1\$50 e 2\$50, respectivamente para os lugares de Peão e Bancada.

Os jogos realizam-se às quartas-feiras e sábados, pelas 21.30 horas e a prova principia já na próxima 4.ª-feira, dia 25. O seu calendário, elaborado pela Associação Regional, é o seguinte:

1.ª jorn. — Famalicense - Tebe; Taipas - Académico e Vitória - Vianense.

2.ª jorn. — Académico - Famalicense; Tebe - Vianense e Vitória - Taipas.

3.ª jorn. — Taipas - Tebe; Vianense - Famalicense e Vitória - Académico.

4.ª jorn. — Famalicense - Taipas; Vianense - Académico e Tebe - Vitória.

5.ª jorn. — Académico - Tebe; Vianense - Taipas e Famalicense - Vitória.

A visita do Vitória AO ALGARVE

Em boa hora se lembrou a Direcção do Vitória de deslocar a sua equipa para o jogo com o Olhanense, de modo a permitir que a mesma fosse acompanhada por um certo número de adeptos, que lhe criasse um ambiente de apoio necessariamente eficiente.

Em boa hora o dizemos, pois fazendo nós parte do limitado número de pessoas que completaram a lotação do auto-carro, podemos afirmar que a ideia teve pleno êxito e constituiu um regalo para quem o fez. Devidamente organizada, com a compreensão total das circunstâncias por parte dos componentes da caravana, a deslocação fez-se dentro das melhores condições de comodidade, permitindo à equipa uma viagem sem monotonia e com pouco desgaste, que, de certo modo, ajudou para o alcance do resultado obtido.

Ficou bem vincado, durante todo o trajecto, o espírito vitoriano que presentemente existe, de fé no futuro da equipa, tendo para isso contribuído o comando do Director-Delegado do Vitória, Sr. Eng.º Alberto Costa, a persuasão do orientador técnico Sr. Fernando Vaz, o espírito de responsabilidade dos jogadores e a compreensão de todos os acompanhantes, que desejosos de conhecerem a província do Algarve, tiveram sempre a noção de que a sua viagem se fazia para possibilitar ao Vitória um êxito na sua deslocação, onde o resultado do jogo com o Olhanense estava como razão primeira.

Como tem sido por todos enaltecida esta deslocação do Clube, não quisemos deixar de a registar aqui com o nosso aplauso, permitindo-nos lembrar ainda o contributo, dado para a possibilidade da mesma, pela Empresa de Camionagem do Sr. Amândio de Oliveira, que tem sido, nestas deslocações do Vitória para o Campeonato Nacional da II Divisão, de um desinteresse verdadeiramente de elogiar.

Não podemos também deixar de nos referir ao acolhimento dispensado ao Vitória pelo público de Olhão e pelos Dirigentes do seu Clube. Como se tinha previsto nesta Secção, esta jornada constituiu verdadeiramente uma manifestação de camaradagem entre o Vitória e o Olhanense. As duas equipas entraram no campo intercambiadas e trocaram galhardetes e



O grupo de Escutas n.º 116 a quando da sua fundação

A propósito do 20.º aniversário da fundação do Grupo de Escutas n.º 116 de Nossa S.ª da Oliveira

Pedem-nos a publicação desta carta:

Lisboa, 29-3-1956.

Amigo Cunha

Primeiro, o seu bem estar e de todos os seus, a seguir o assunto desta ligeira carta.

Os anos voam velozmente. Caminhamos a passos largos para a segunda «meninice», mas nada nos impede, a recordação, de factos passados na nossa vida. E' o facto de hoje, 29 de Março, fazermos 20 anos que nós inauguramos o saudoso 116.

E' a razão desta carta. Vir até junto de si, recordar esses tempos passados, que, se nos deram contratempos, nos proporcionaram momentos alegres, fruto dum vontade firme e decisiva. Na sua pessoa, como elemento vivo dessa época, eu saúdo essa rapaziada de então, fazendo votos ao Céu, para que todos relembram a sua passagem por esse Grupo, como bom tempo da sua vida.

Faça o meu velho amigo, chegar até esses rapazes, a saudosa recordação que daqui lhes envio, após 20 anos desse dia glorioso, para o então entusiasmo nosso. Como gostaria que hoje, os sinos de S. Pedro, tocassem a «Radiosa», para mais uma vez, despertar o coração desses que militaram a nosso lado, como a lembrar-lhes que o tempo passa, mas a alma não morre! Será possível?

Sem dúvida alguma, que esse esforço, para fazer nascer essa, então florescente unidade, não esqueceu, apesar do tempo. Já lá vão 20 anos e parece ainda tão perto. Caríssimo amigo, num abraço saudoso, com a lembrança clara do sempre querido 116, do velho amigo

a) Adelino.

Ministério das Obras Públicas

Junta das Construções para o Ensino Técnico e Secundário

Concurso público para arrematação da empreitada de adaptação e ampliação da Escola Industrial e Comercial de Guimarães.

Faz-se público que às 15,30 horas do dia 8 de Maio de 1956 se procederá, na sede desta Junta, Rua Garcia de Orta n.º 68-1.º em Lisboa, ao concurso público acima designado.

Base de licitação . 8.579.370\$00
Depósito provisório . 215.000\$00

O processo do concurso encontra-se patente em Lisboa, na sede da Junta, no Porto, na Associação Industrial Portuense e em Guimarães na Câmara Municipal de Guimarães.

Lisboa, em 12 de Abril de 1956.

FRIGIDAIRE

Sinónimo Internacional de Frigorífico

ramos de flores entre os seus capitães. Antigos jogadores do Olhanense, estiveram na cabine do Vitória e os Dirigentes do Clube algarvio tiveram para com os vimaranesenses todas as atenções, numa demonstração de afecto que liga as duas colectividades. Tudo isto nos leva a concluir que esta visita do Vitória ao Algarve fica para a história do Clube vimaranesense como uma pedra branca da sua existência.

GAZCIDLA

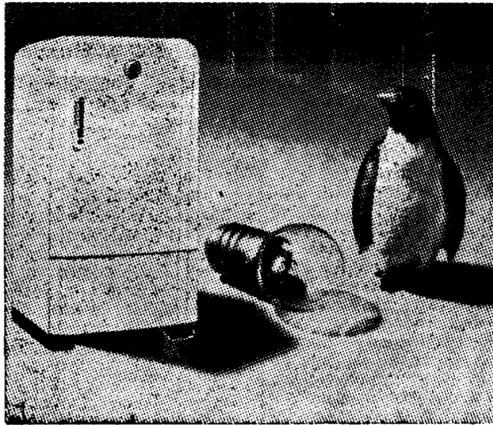
Cumpre-nos informar o Ex.º Público de que foram adquiridos, pela melhor oferta, os 4 Aparelhos a Concurso, em carta fechada, da «Semana da Cozinha» a GAZCIDLA, a saber: 1 Fogão F-44; 1 Fogão F-29 - Presmalt; 1 Fogareiro F-7 e 1 Palmatória 7-3, respectivamente pelos Ex.ºs Srs. Ramiro Dias de Freitas Lima — Moreira de Cónegos; António Peixoto Guise — L. da Condessa do Juncal, 17; Avelino da Silva — Lugar da Codeceira, 3 e Fernando Vitorino de Melo Ferreira Pimenta — Av. Cónego Gaspar Estação, todos do concelho de Guimarães.

TEIXEIRA & FREITAS, L.ª

518 LARGO DOS NAVARROS DE ANDRADE

GUIMARÃES

Silencioso como a luz...
Apreciado pelo frio que produz...



10 ANOS DE GARANTIA

ELECTROLUX, LD.ª
PORTO

Praça da Liberdade, 123 Telef. 25436

Chás Medicinais «HERBIS»

Usados na Alemanha há cerca de 50 anos

HERBIS N.º 1 Dissolvente do ácido úrico	HERBIS N.º 4 Azia e má digestões	HERBIS N.º 8 Fígado e vesícula
HERBIS N.º 2 Regularizador da Circulação	HERBIS N.º 5 Contra bronquites	HERBIS N.º 9 Contra o hemorroidal
HERBIS N.º 3 Depurativo do sangue	HERBIS N.º 6 Nervos e insónias	HERBIS N.º 10 Tónico do coração
	HERBIS N.º 7 Rins e bexiga	HERBIS N.º 11 Laxativo suave

PACOTES DE 100 GRAMAS

Preparados segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich

NECCHI MÁQUINAS DE COSTURA CONVITE

É com o maior prazer que A. Gouveia convida todas as Ex.ºas Senhoras, possuidoras ou não de máquinas de costura NECCHI, a darem o favor da sua presença na próxima segunda-feira, dia 23, a partir das 15 horas, no seu Stand Necchi, à Rua da Rainha n.º 77-79, onde apreciarão os mais lindos trabalhos produzidos pelas máquinas de costura Necchi, executados pela demonstradora especializada M.ª COLLI-VASSONE, vinda expressamente da fábrica para tal fim, e apresentar no nosso país a maravilhosa máquina SUPERNOVA.